

Páginas



ANO 40 • nº 61 • 2015

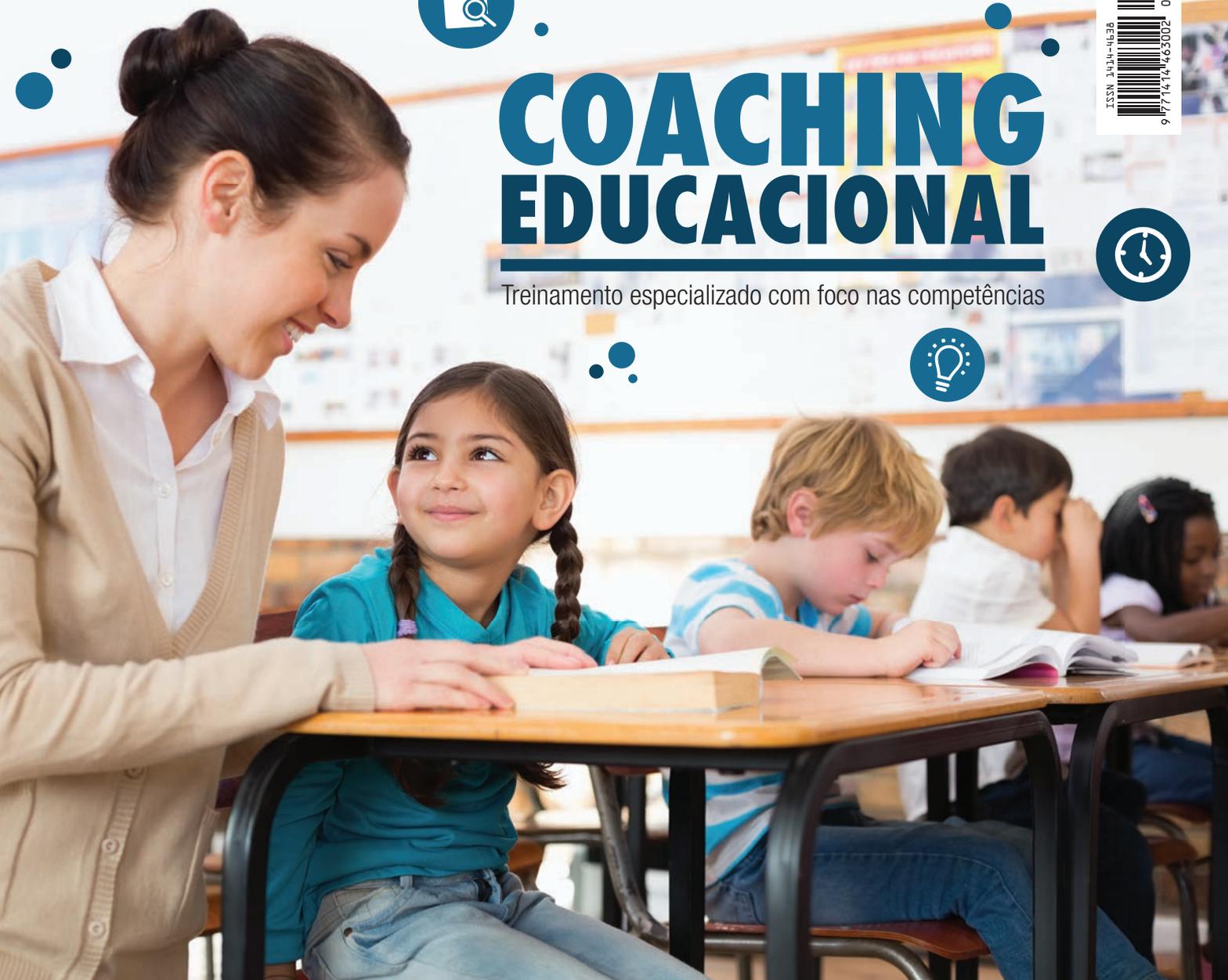
Abertas



COACHING EDUCACIONAL



Treinamento especializado com foco nas competências



Cultura

Museu da Imigração renova a forma de contar as histórias dos imigrantes que chegaram a São Paulo e ajudaram a construir a nossa identidade

Entrevista

Como educar com bons valores, quais são os caminhos e desafios? A especialista Maria Helena Marques conversa sobre a importância do tema

VENCEDORES do Prêmio Jabuti 2014

na categoria **comunicação**



376 páginas

Comunicação ubíqua Repercussões na cultura e na educação

Seremos neste novo século seres onipresentes? Ou presentes-ausentes graças à nova tecnologia e sua hipermobilidade? Lucia Santaella analisa os atuais processos de comunicação, criadores de situações fluidas e múltiplas, porém desdobradas e distantes. Vencedor do 2º lugar do Prêmio Jabuti 2014 na categoria comunicação.



Obras de Lucia Santaella e Ciro Marcondes confirmam a excelência da PAULUS no segmento da Comunicação, mesma categoria em que a editora venceu em 1º lugar a edição do Jabuti 2013, com o livro História do Jornalismo de José Marques de Melo.



184 páginas

O rosto e a máquina O fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico - Nova Teoria da Comunicação

Uma nova corrente de ensino da Teoria Comunicacional surge através dos estudos avançados de Ciro Marcondes Filho, para acompanhar as constantes mudanças dos objetos comunicacionais. Despreendendo-se de abordagens estáticas, este livro analisa a comunicação durante sua contínua mutação. Vencedor do 3º lugar do Prêmio Jabuti 2014 na categoria comunicação.



Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo, sem prévio aviso, imagens meramente ilustrativas.

VENDAS:
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br



06

Entrevista

Educação e valores em alta

A comunicóloga, pedagoga e especialista em educação da Infância, Maria Helena Marques, fala sobre a questão dos bons valores e seus principais efeitos no ambiente escolar e familiar.

16

Saúde

Enxaqueca: o mal do século

Como lidar com aquela dor incômoda que acomete milhões de pessoas? Conheça seus principais sintomas, recomendações e tratamentos.

18

Tecnologia

Internet: manual de utilização

Mundo digital em alerta constante, orientações sobre o uso consciente da internet, riquezas e perigos, como ajudar os alunos a utilizarem essa ferramenta tão significativa.

22

Ecologia

Árvore é vida, árvore é água. Sem árvore, sem água, sem vida!

O jornalista, escritor e ambientalista premiado, Vilmar Berna, comenta a importância da preservação do meio ambiente, as consequências das agressões que cometemos contra a natureza e o futuro que nos espera.

26

Cultura

Retratos do passado

Memorial do Imigrante reabre as portas e oferece programação cultural diversificada. Entre exposições duradouras e temporárias, itinerantes e virtuais, a nova proposta do Museu do Imigrante oferece aos visitantes o contato direto com a história da imigração.

30

Social

Refletir e aprender

Como a campanha da fraternidade pode auxiliar a escola na construção de valores.

11

Coaching Educacional

O conceito nasceu no esporte, migrou para empresas e agora é a área educacional que experimenta a metodologia que visa acompanhar, treinar e potencializar habilidades e resultados. Descubra como essa nova modalidade pode melhorar o desempenho da escola, alunos e professores, a partir da opinião de diversos especialistas.



20

Reflexão

Que tal um pouco de gentileza?
por Alexandre Carvalho

21

Literatura

O esforço para compreender,
por Antonio Iraldo Alves de Brito

24

Filosofia

Loucos por gente:
professores cheios de vida,
por Mario Sergio Cortella

29

Pensamentos

Esquisitices da Filosofia,
por Claudiano Avelino dos Santos

32

Li, Gostei e Recomendo!

A psicóloga e coordenadora educacional do colégio Madre Alix, Susana Orio comenta a obra de **Ciro Marcondes Filho** – *O rosto e a máquina – fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico.*

34

Sala de Aula

Cores dos nossos alimentos,
por Calliandra Lima e Márcio Pinho

36

Páginas Abertas Indica

Comunicação, filosofia, psicologia, literatura infanto-juvenil e infantil estão entre as indicações de leitura.

38

Crônica

Em defesa do humor,
por Douglas Tufano

Encarte

Especial Formação de Professor

O suplemento enfoca o livro *Mundo real chamando*, de Shirley Souza, autora que também desenvolveu o projeto pedagógico da edição. A partir da história de Ph, um garoto da escola que tem mais amigos virtuais que reais, é possível desenvolver uma série de atividades.

Páginas Abertas

Ano 40 – nº 61 – 2015
Janeiro - Fevereiro - Março
ISSN 1414-4638

Diretor Presidente
Valdir José de Castro

Diretor-geral
Paulo Bazaglia

Diretor de Difusão
Zulmiro Caon

Diretor de Produção
Evandro Antônio Mazzutti

Diretor de Redação
José Dias Goulart MTB 20.698

Conselho Editorial
Tom Viana, Dílvia Ludvíchak e Marcelo Balbino

Arte
Jorge D' Andrade Júnior

Reportagem
Cleane Santos e Marcelo Balbino

Edição de Texto
Marcelo Balbino

Revisão
Renata Alvetti Benevolo

Colaboradores
Alexandre Carvalho; Antonio Iraldo; Calliandra Lima; Claudiano Avelino; Douglas Tufano; Márcia Pinho; Mario Sergio Cortella; Shirley Souza; Susana Orio e Vilmar Berna.

Redação
Rua Francisco Cruz, 229 – 04117-091
São Paulo – Tel.: 11 5087-3742
FAX: 11 5579-3627
paginasabertas@paulus.com.br

Atendimento ao Leitor
Tel.: (11) 3789-4000
assinaturas@paulus.com.br

A revista PÁGINAS ABERTAS é uma publicação da Pia Sociedade de São Paulo. Nenhum material dessa publicação pode ser reproduzido sem prévia autorização. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas desta obra e sua editoração.

Entre em contato conosco caso queira citar algum artigo.

**A assinatura da revista
PÁGINAS ABERTAS é gratuita.
Para mais informações,
ligue: (11) 3789-4000**

Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade de seus autores, não representando necessariamente a posição da revista.

paulus.com.br



Editorial

Mais um ano de coisas novas

Um novo ano se inicia. Mais um entre todos os outros que passamos, mas o fato de se diferente ou não, mais proveitoso, com novos ensinamentos e aprendizagens, também depende de nós. Algo que nasce do esforço diário e se emoldura ao longo dos dias e dos anos.

Por falar em novidades temos a coluna de Claudiano Avelino, que retorna à revista. Nossos agradecimentos também ao professor Mario Sergio Cortella, conosco por mais um ano e o incansável professor Douglas Tufano, sempre presente em nossos projetos. Começamos o ano agradecendo também nossos colaboradores: Alexandre Carvalho, Antonio Iraldo, os profissionais de design, revisão, impressão, departamentos de Divulgação e Marketing e todos os colaboradores que de alguma forma estão presentes no projeto da revista.

Nestes primeiros meses oferecemos o tema do coaching educacional como matéria de capa. A ideia que migrou do esporte para empresas também pode ser empregada na escola, por meio de treinamento focado e especializado, com medição e retorno das atividades desenvolvidas e incríveis resultados.

A entrevista da edição traz um bate-papo com a professora Maria Helena Marques, autora do livro *Como educar bons valores – desafios e caminhos para trilhar uma educação de valor*, da PAULUS Editora, entre outras obras. Ela comenta sobre o trabalho do professor, desafios, valores e como utilizar o tema em sala de aula.

Saindo da sala de aula, o Museu da Imigração, antigo Memorial do Imigrante, apresenta ótimas opções para se investigar o passado e aprender com a riqueza da história dos imigrantes paulistas, entre tantos desafios e sonhos.

Sobre tecnologia, nesta edição incluímos também uma matéria sobre orientação e uso da internet e redes sociais para as crianças. Como pais e professores devem proceder, uma vez que, com apenas um clique é possível acessar os mais diversos temas? Até mesmo para os trabalhos escolares, como os estudantes devem proceder ao usar a internet?

Enfim, mais um ano feito de um novo caminho que nos espera para o melhor.

A todos um ótimo 2015, construído com muitos projetos, realizações e coisas maravilhosas.

Uma ótima leitura e até breve!

Equipe Páginas Abertas

EDUCAÇÃO e VALORES EM ALTA

Como anda a questão dos bons valores que refletem as escolhas e caminhos? Afinal, esse é um tema que envolve mais a família ou a escola? E qual a influência dele no processo de aprendizagem? Para conhecer um pouco mais sobre o assunto, entrevistamos a professora Maria Helena Marques, comunicóloga, pedagoga, especialista em educação da infância e autora do livro Como Educar Bons Valores, desafios e caminhos para trilhar uma educação de valor, entre outras obras. Conheça a seguir um pouco mais sobre este tema tão importante.

Qual a sua Formação?

Comunicóloga, Pedagogia, Especialista em Educação da Infância.

Qual a sua área de atuação profissional hoje?

Chefe do Departamento Pedagógico da Secretaria Municipal da Educação em Santos/SP. Escritora, Consultora e Formadora em Educação e Valores, com participação em Congressos, Seminários, Universidades.

Como foi a sua infância com relação aos valores?

Repleta de boas memórias e de bons valores. E isso é um privilégio. Minha mãe sempre foi a minha maior referência. Para ela a prática do bem era tão natural quanto respirar. Seu tom de voz, sua capacidade de sem-

pre enxergar o lado bom das coisas e das pessoas, sua maneira otimista de lidar com os desafios, sua incrível habilidade e simplicidade para despertar o melhor nas pessoas, sempre me chamaram a atenção, sempre me encantaram. E as marcas desse encantamento inspiram a minha forma de ser e viver até hoje.

Quais suas principais lembranças do tempo de escola?

As lembranças do tempo de escola marcaram a minha vida em dois momentos muito importantes: como aluna e como professora.

Como aluna, tenho lembranças muito boas e outras nem tanto. Mas a melhor de todas as lembranças foi a fala da minha professora da primeira série (Maria Antônia) quando certa vez, no



Divulgação



momento em que eu entreguei uma tarefa, ela segurou a minha mão e disse: “Como pode uma mãozinha tão pequenina fazer uma lição tão bonita!” Nunca mais eu me esqueci disso. E tenho certeza de que ela não imaginou que eu levaria sua fala, seu gesto, seu olhar por toda a minha vida e que essa simples atitude me encorajaria a enfrentar os desafios da alfabetização e a seguir adiante. Jean Piaget dizia que “não há atividade intelectual sem afetos que a desencadeiem”. O professor tem a capacidade de marcar a vida de uma pessoa para sempre (positiva ou negativamente) e a gente nunca sabe onde cessa essa influência. Como professora, deixar o meu melhor para o outro e despertar no outro o seu melhor, sempre foi a minha opção – e é até hoje. E em decorrência disso, vivi momentos muito especiais. Aprendi mais do que ensinei, colhi amor, muito mais do que plantei. O retorno era sempre em dobro. Até hoje mantenho contato com ex-alunos, que se tornaram queridos amigos.

O que são valores? Como podemos definir os valores humanos hoje? E qual o seu grau de importância na sociedade atual?

Valores são saberes práticos, são referenciais internos que justificam nossas escolhas. Também podem ser compreendidos como princípios. Assim, quando fazemos escolhas que não estão de acordo com os nossos princípios, lamentamos os resultados. E para que estejamos sempre alinhados com os nossos princípios, nossos valores, é fundamental revisitá-los, ressignificá-los com a prática do autoconhecimento. Prática que estimu-

la a autoconsciência dos nossos atos, que esclarece aquilo que acreditamos, que inspira nosso comportamento e que fortalece as nossas escolhas. O autoconhecimento, a autoconsciência são exercícios que revelam a nossa vontade, os nossos desejos, os nossos valores; são exercícios que nos humanizam na medida em que nos afastam do senso comum e nos aproximam do bom senso. Valores humanos, hoje e sempre, são aqueles que nos humanizam, ou seja, que nos ensinam, sobretudo que, tudo aquilo que nos aproxima do outro, é infinitamente mais importante do que aquilo que nos afasta.

Você considera que bons modelos e bons valores são elementos importantes na educação?

São elementos essenciais. Não há valor que se sustente sem bons exemplos, sem bons modelos. E a contínua imitação de bons exemplos vai se tornando habitual e natural com o passar do tempo, podendo ser incorporado à vida adulta. O que significa que, o *“faça o que eu falo, não faça o que eu faço”* vai na contramão de uma educação em valores. Durante a infância, ainda que a criança não tenha maturidade suficiente para compreender as escolhas e as atitudes adultas (sejam elas éticas ou não) ela reproduzirá por imitação. A imitação fortalece o sentimento de pertencimento e a necessidade de ser aceita pelo grupo. A imitação, como forma de representação dos modelos de condutas, favorece também a compreensão da criança sobre esse mundo adulto que ela já encontra pronto ao nascer. Portanto, quando afirmamos que uma criança não tem limites, essa

mesma constatação cabe aos adultos, pela referência que representam. Um adulto que pede aos gritos para que uma criança cesse seus gritos, ensina que é gritando que alcançamos o que queremos. Se o professor enfileira seus alunos continuamente, ensina que, olhar nos olhos, saber ouvir, poder falar, ser ouvido, ser reconhecido como sujeito de desejos e direitos não é coisa que realmente valha a pena no processo educativo. Aqui, gostaria de reforçar a ideia de que não existe processo educativo onde o educando não é reconhecido como sujeito de direitos e desejos.

Como é ser professora nos dias de hoje? Quais os principais desafios?

Ser professor se tornou uma atividade bastante desafiadora por conta da complexidade e da grandeza que envolve a educação. E o desafio maior está justamente na sua principal missão: criar condições para que o aluno aprenda. Para vencer esse desafio, é necessário ter a clareza de dois importantes pontos: primeiro, **o aluno só aprende se for sujeito** na construção do seu conhecimento, o que faz necessário torná-lo importante no processo; segundo, **o aluno só aprende se quiser**, o que indica a importância de se criar metodologias para que o educando queira aprender. Segundo Yves de La Taille – professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), motivação e modelo são elementos essenciais para que o aluno queira aprender. A motivação é a soma do interesse com a curiosidade. E um modelo é como um ídolo que nos inspira a segui-lo, a imitá-lo; é quando

Entrevista

aquele educador nos faz desejar ser como ele. Não são poucas as vezes em que ouvimos relatos de alunos que creditam suas escolhas a professores que marcaram suas vidas na infância ou na adolescência.

E o que o professor precisa para vencer esse desafio?

Ciente de sua missão e dos desafios, o professor precisa aprimorar o seu fazer pedagógico, continuamente, conhecendo as ciências que informam sobre o ser humano e sobre os ciclos da aprendizagem nas diferentes faixas etárias. Além do aprimoramento técnico que habilita o educador na utilização das metodologias apropriadas para os devidos fins, existe o aprimoramento ético, que propõe o reconhecimento do outro como um ser de vontade, de direitos, de desejos, ou seja, como sujeito construtor do seu processo de aprendizagem. Isso significa que o educador precisa dialogar para conhecer o seu aluno e ajudá-lo a se reconhecer como sujeito. Paulo Freire dizia que *a educação é uma conduta, um compromisso, uma postura e, também, um ato político*, pois se constrói no diálogo, na convivência, na aceitação do outro. Dizer que a escola é boa, que o professor é bom e que o aluno não aprendeu porque não quis, é o mesmo que dizer que a cirurgia foi boa, mas o paciente morreu.

Falar de valores é uma questão específica de uma disciplina?

Não é questão específica de uma única disciplina, até porque permeia, naturalmente, todos os conteúdos, as regras estabelecidas, a arrumação dos espaços: disposição de mesas e cadeiras, enfim, toda estrutura or-

ganizacional da instituição implica uma hierarquia de valores. Décadas atrás, a disciplina de Educação Moral e Cívica foi retirada do currículo – e isso foi muito bom, pois se prestava à consolidação da ditadura militar que vivíamos. Em seu lugar, nada foi colocado. Algumas escolas incluíram em sua matriz curricular, a Filosofia; particularmente, acho uma proposta muito interessante, pois garante uma discussão focada no ser. Mas penso que a transversalidade (permeando todas as disciplinas) é o melhor caminho, pois permite que o conteúdo não seja um elemento separado da convivência humana, do diálogo, da troca de ideias, da construção do conhecimento e coloca o aluno como sujeito do seu aprendizado.

Qual a importância do professor na sala de aula com relação aos valores?

O professor é o modelo. É o elemento capaz de despertar o desejo de aprender aquilo que é ensinado, de acordar bons valores, de inspirar comportamentos e atitudes. A sociedade que temos hoje reflete os modelos que estão sendo reproduzidos. O que significa que devemos estar continuamente vigiando nossa conduta e a coerência entre o que se diz e o que se faz. Recentemente, participei de um congresso de educação e presenciei atitudes de professores que estão entre as principais queixas dos docentes: desinteresse, desprezo, desrespeito, ausência de escuta. Parei para refletir sobre a cena vivida e o constrangimento que senti. Penso que os “alunos de hoje” reproduzem o desrespeito que presenciam. A prática educativa ensina valores e deixa

marcas; o professor deixa marcas que podem ser negativas ou positivas. A relação professor e aluno nunca é neutra, mas permeada de valores e afetos (por vezes, desafetos). Piaget dizia que a principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Isso significa que o docente não pode ser um mero reproduzidor de práticas que atenderam a outro momento da educação, mas que hoje criam um distanciamento entre o professor e o aluno. Nossos avós não educaram nossos pais com a mesma base de valores que educamos nossos filhos. Isso não significa, absolutamente, que os valores se perdem, mas se ressignificam.

Em sua opinião onde começam os bons valores?

Começam com uma boa educação. Esperamos que, a partir de uma boa educação, as pessoas aprendam a relacionar-se com os outros de maneira que se façam entender e entendam os demais; que aprendam a respeitar e a escutar o outro; a ser solidárias e tolerantes diante dos conflitos de ideias; a trabalhar em grupo de maneira cooperativa e compartilhada; a socializar as conquistas, reconhecendo a importância do grupo para o alcance dos resultados desejados. Que aprendam a ganhar e a perder, a lidar com os acertos e com os erros de modo construtivo; a agir e tomar decisões por si, com consciência e autonomia, levando em consideração o bem estar de todos e para todos. E esse é um começo que não tem fim. Não há um momento de nossa vida em que a capacidade de aprender, de evoluir se encerre.

Como falar de valores, em uma sociedade conectada com os avanços tecnológicos e meios digitais? A tecnologia influencia a questão?

Tudo aquilo que comunica algo, que transmite uma informação, seja um livro, uma mensagem, um filme, uma conversa implica na transmissão de valores ou anti-valores. A tecnologia em si não influencia, mas permite o fácil acesso a informações que geram influências. Contudo, os valores que carregamos como referência para a nossa vida, são aqueles estabelecidos pela força da afetividade; pelos ídolos que marcaram nossas vidas. Tecnologias e meios digitais não são elementos bons ou ruins para o processo educativo, não gerem influência, seja ela positiva ou negativa. A grande sabedoria está na sua utilização que, por sinal, pode contribuir muito para a aprendizagem. Os recursos tecnológicos podem e devem ser usados como ferramentas, como meios para uma educação mais inovadora, mais desafiadora, mais inclusiva, mais criativa e divertida de aprender.

Com sua experiência, como o professor pode falar de valores na sala de aula?

O professor não precisa falar sobre valores, nem fazer discursos morais para educar valores. O mais importante é ser uma referência de valor. Contudo, essa abordagem, numa perspectiva pedagógica, pode ser feita de maneira lúdica, prazerosa e dialogada, sem precisar expor pessoas ou dar lições de moral. As histórias, a literatura, por exemplo, são importantes recursos pedagógicos para trabalhar com valores, afinal, so-

mos seres de história. Ora ouvindo, ora lendo histórias nos identificamos com os personagens e conseguimos nos perceber a partir da história do outro. Essa identificação faz com que nos enxerguemos a partir de uma nova perspectiva. A história não expõe as pessoas ou os envolvidos em determinado conflito, mas preserva. A história não deve jamais ser sintetizada pelo mediador e encerrada com a tradicional “moral da história”. Esse importante recurso metodológico pode e deve provocar um diálogo investigativo. O objetivo é conduzir uma discussão que ensine a criança e o jovem a pensar sobre valores.

De onde os professores devem tirar a motivação para falar de um assunto tão pertinente que são os valores humanos, quando muitos se consideram desvalorizados?

Quando a motivação não vem de dentro, é preciso criar um mecanismo de contínua formação e cuidado para que o professor se reconheça como sujeito de valor, resgatando seu entusiasmo pela arte de educar. É dessa energia renovada que nasce o entusiasmo do aluno, o inverso tem o mesmo reflexo: o desânimo produz a rejeição. A grande motivação para a arte de educar deve nascer e renascer dos princípios que levaram esse professor a fazer, um dia, tal escolha. Resignificar, revisitar esses valores, esses princípios pode ser um caminho para o resgate diário do entusiasmo. Quando perdemos de vista nossos princípios, acabamos fazendo escolhas levados pelo senso comum e, quando nos damos conta, só nos resta lamentar os resultados. Renovar o compromisso

com o nosso fazer nos protege daqueles que se alimentam das coisas que não deram muito certo; que rotulam os desafios como problemas sem solução e que querem, incansavelmente, nos convencer de que os alunos de hoje não têm mais educação, de que a educação está falida, de que os valores se perderam e a sociedade caminha para o abismo. A nossa capacidade humana nos habilita a reinventar a vida, criando e recriando estratégias para transformar, continuamente, os desafios em conquistas. Quando abrimos mão dessa capacidade humana, nos desumanizamos.

Em sua opinião, o que todo professor deveria saber antes transmitir valores? Como se manter atualizado?

A questão não é simplesmente **saber**, mas **ser**. O que significa que, mesmo sem saber, mesmo sem a consciência e a intencionalidade dos seus atos, o professor transmite valores o tempo todo. Parafraseando Paulo Freire, para ensinar, basta **saber**; para educar é preciso **ser**. O saber está ao alcance de todos, mas não garante o querer. Gosto quando Rubem Alves divide a educação em duas partes: educação das habilidades e educação das sensibilidades. Sem a educação das sensibilidades, todas as habilidades são tolas e sem sentido. A dimensão intelectual nos habilita para o saber fazer, porém é a afetiva que desperta o querer fazer. Portanto, todo professor deveria saber que a transmissão de valores se dá pelo exemplo e que valores, segundo Jean Piaget, são investimentos afetivos. É pelos vínculos afetivos construídos ao longo da trajetória educativa que o professor se torna referência e modelo de valor.

Entrevista

Em sua visão, como o professor pode encontrar ferramentas para aprofundar o assunto?

Por meio do **conhecimento** e do **autoconhecimento**, que são as ferramentas necessárias para aprofundar o assunto. **Conhecer** mais sobre a **natureza humana** é um dos principais caminhos para trilhar uma educação de valor, até porque a educação é um processo de humanização. É um processo de apropriação da cultura. E cultura é um universo repleto de conhecimentos, de habilidades, de valores produzidos pelo homem de acordo com a sua vontade. Porém, nenhuma produção humana acontece solitariamente, mas solidariamente. E a solidariedade implica em **conhecer o outro**. Quando falamos em uma educação de valores, o conhecimento caminha lado a lado com o autoconhecimento, que é o reconhecimento dos seus valores, da sua história, da sua condição como sujeito, da sua condição humana. O **exercício do autoconhecimento**, desperta a autoconsciência, que é um elemento capaz de nos fazer inclinar nesta e não noutra direção, de distinguir entre senso comum e bom senso, de ultrapassar os preconceitos, de rever os julgamentos, de ressignificar antigos paradigmas para superar as crenças limitantes.

Quais são as obras que você publicou? E qual auxílio elas podem trazer aos pais e professores?

Escola de Valor, em 2009 e **Como Educar Bons Valores**, em 2012. As obras propõem reflexões importantes sobre educação e valores. A primeira publicação tem o seu foco

mais voltado para a formação do educador. Os temas inovam a forma de pensar, viver e sentir a educação como uma experiência de felicidade. Apresentam o aprender como um processo prazeroso capaz de agregar conhecimentos e valores que nos ajudam a viver e a conviver melhor. Esse manar de ideias provoca o despertar dos mais nobres valores humanos; valores capazes de fundar um espaço escolar mais ético e mais propício ao exercício da cidadania. A segunda obra apresenta desafios e caminhos para trilhar uma educação de valor. É uma proposta que auxilia pais e professores, na qualidade de educadores, a expandir bons valores e a divulgar que a sobrevivência humana depende do conhecimento somado à força viva dos valores humanos. É um manual para encorajar e apoiar pais e professores na desafiadora arte de educar.

Como você enxerga o futuro para a educação?

Acredito que a educação do futuro não será marcada por novas descobertas, mas será um palco de redescobertas. Quando Rubem Alves reproduziu a celebre frase de Pompeu dando a ela novo sentido: “Navegar é preciso, viver não é preciso”, quis falar sobre o valor dessa imprecisão que é viver, e que nos faz humanos, nos faz criadores. O futuro é a colheita daquilo que plantamos no presente, simples assim. De nada adianta pensar no futuro e descuidar do presente. Hoje, as novas tecnologias nos permitem acesso a todos os tipos de informação, portanto, a escola deixou de ser o local onde se buscam as informações e, conseqüentemente, o

professor também não é mais o único detentor do saber. Esse fato faz com que a educação reveja as suas concepções. Particularmente, acho que esse fenômeno, dá ao professor um papel muito mais importante na sociedade, pois, caberá a ele a arte de transformar todas essas informações em conhecimento e em sabedoria para a vida. O conhecimento só se constrói solidariamente, na troca com o outro. E é aqui que destaco o principal papel da educação escolar: a possibilidade de trocar informações com o outro e nessa troca construir conhecimentos que agreguem valor à vida. Aqui, não estamos reinventando a roda, mas resgatando e ressignificando o sentido da roda já inventada há milhares de anos. Quando se pensa em uma educação para o futuro, é preciso visitar importantes referências e questionar os fazeres presentes, sempre na perspectiva de investigar sobre: o que é educação? Para que e para quem educamos? Que tipo de pessoas queremos formar?

Maria Helena Marques é comunicóloga, pedagoga, especialista em educação da infância. Autora dos livros: *Escola de Valor, significando a vida e a arte de educar*, Paulus – 2009 e *Como Educar Bons Valores, desafios e caminhos para trilhar uma educação de valor*, Paulus – 2012. Foi consultora da Unesco, participou da equipe que coordenou projetos de Cultura de Paz nas escolas públicas estaduais de São Paulo. Foi consultora da Fundação Bunge, responsável pelos projetos do programa Comunidade Educativa que envolveu o trabalho com o voluntariado corporativo e formação de professores em escolas públicas da baixada santista. Atuou como Coordenadora-Geral do Projeto “ECA - Conhecer para Reconhecer” que formou Agentes Educativos Multiplicadores do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA na Escola, nas redes pública (estadual e municipal) e particular em Santos e região. Atualmente é Chefe do Departamento Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Santos - DEPED / SEDUC.

www.escoladevalor.com.br
atendimento@escoladevalor.com.br
escoladevalor@hotmail.com.br

DA EMPRESA para a ESCOLA

Conceito de *coaching* migra para a escola, propõe discussões sobre aulas, práticas, metodologias e promete ampliar o potencial de professores e o ambiente de aprendizagem

Pode ser que você já tenha ouvido falar no termo *coaching*. Apesar do termo, escrito em inglês, *coach* (treinador) e *coaching* (treinamento), seus conceitos nasceram no segmento esportivo, migraram para o setor corporativo, com bons resultados para diversas empresas. Então porque não utilizar os mesmos procedimentos na escola?

Indo do início, *coaching* pode ser entendido como a arte de facilitar o desempenho, aprendizado e desenvolvimento de outra pessoa. Esta metodologia envolve um *coach*, ou seja, alguém que possui uma formação adequada para transmitir, instruir e treinar outra pessoa (denominada *coachee*).

A ideia é que o processo envolva um treinador centrado especificamente em preparar pessoas, mostrando metodologias e caminhos para alcançarem ótimos resultados.

Conta a história...

O caminho do *coaching* profissional ou executivo atualmente é amplamente difundido nas empresas. Como

apresenta bons resultados em sua aplicação no mundo corporativo, essa metodologia também migrou para área educacional. De acordo com a professora Kátia Veloso, *coach* e especialista na área da educação, é interessante ressaltar que antes de fazer parte da rotina de muitos gestores empresariais, o *coaching* já fazia parte da área esportiva.

Um dos responsáveis por realizar a ponte que levaria o *coaching* do mundo esportivo para o mundo corporativo foi o americano Timothy Gallwey. Com formação acadêmica em Literatura pela Universidade de Harvard, Gallwey atuou durante muito tempo como professor. E foi no início da década de 70 que ele resolveu mudar a sua atividade profissional. Como gostava de jogar tênis, resolveu trocar a sala de aula pelas quadras e começou a dar aulas de tênis. Tornou-se treinador da equipe de Tênis da Universidade Harvard e em 1972 publicou o livro “The Inner Game of Tennis” (O Jogo Interno do Tênis) – com o objetivo de apresentar a aplicação de seu método de treinamento para que os jogadores de tênis pudessem obter o seu melhor

resultado, atingindo assim a alta performance. Este livro foi bem recebido pelas pessoas no geral, tornando-se um sucesso e conseqüentemente difundiu o seu método de capacitação denominado “The Inner Game” (O Jogo Interno).

Após o sucesso na área esportiva, ele adaptou o seu método de capacitação para aplicá-lo em empresas e em grandes corporações, o que deu origem ao livro “The Inner Game of Work” (O Jogo Interno do Trabalho), publicado em 1999. Segundo a sua filosofia, publicada em uma entrevista concedida por ele para uma revista, todos nós já possuímos boa parte das habilidades que desejamos ter, só precisamos de alguém que nos ajude a fazê-las aflorar e essa é justamente a função do *coach*.

“Essa filosofia passou a ser utilizada nas empresas, sendo amplamente aceita por gestores e profissionais que precisam exercer uma posição de liderança dentro das corporações em que trabalham. A aplicação da metodologia de *coaching* foi tão bem aceita nas empresas que na opinião de alguns *coaches*, ela se tornou indispensável”, conta a professora Kátia.

Coaching na escola

Quando se leva em conta o ambiente da escola, trata-se de um terreno amplo para a aplicação dos conceitos de *coaching*, segundo os especialistas. Isso porque os professores podem discutir suas práticas educacionais, metodologia e até mesmo certos aspectos emocionais, tendo em vista a interação com os alunos.

De acordo com a professora Kátia Veloso, não é segredo que o sistema escolar atual apresente diversos problemas. Por isso, o fato da escola adotar o processo de *coaching*, como prática no seu dia a dia, não significa que irá resolver todos os problemas. “Aliás, pode acontecer justamente o contrário. Por meio das observações do *coaching* podem ser levantados problemas que estariam sendo despercebidos pela gestão escolar ou pelo professor. A função do *coach* é contribuir para que os problemas encontrados possam ser minimizados ou eliminados e não apresentar receitas prontas”, lembra.

Dessa forma, os professores tem a oportunidade de passar o que aprenderam com a experiência de trabalho

educacional, ampliando as técnicas que aprenderam durante o processo de *coaching* com seus alunos, em sala de aula e dessa forma ajudá-los a perceber, desenvolver e até mesmo aprimorar o potencial que possuem, tornando o ambiente de aprendizagem e trabalho mais agradável e desenvolvendo um autêntico trabalho em grupo.

Tipos de coaching

A área *coaching* educacional pode ser dividida em três aspectos: o *coaching docente*, o *coaching discente* e o *coaching para gestores educacionais*, cada um com uma metodologia própria.

O *coaching docente* utiliza uma metodologia com os objetivos de potencializar o trabalho que é desenvolvido pelo professor. Um exemplo de modelo de atuação poderia ser desenvolvido em grupos. A partir deles os professores discutiriam suas metodologias, as aulas e até aspectos emocionais para que estejam cada vez melhores para os seus alunos.

“É interessante lembrar que uma das conseqüências do desenvolvimento dessa metodologia com os docentes resulta na melhoria e satisfação do docente em sua prática diária. Isso ocorre não só no ambiente de trabalho da escola, como também na sala de aula, sala dos professores e também na vida pessoal do professor”, lembra a professora Kátia Veloso.

Já o *coaching discente* representa o trabalho desenvolvido com os alunos. Neste caso o próprio professor pode ser o *coach* do aluno ou a escola tem a opção de contratar outro profissional. Para os alunos trabalha-se desde a orientação para os estudos, a orientação vocacional, a autoconsciência, até focar situações específicas de aprendizado e também de relacionamento.

Quando se fala em orientação para os estudos, um exemplo seria a organização e o controle do tempo, entre atividades, rendimento ou a forma de aprender. Este processo é desenvolvido por meio de encontros entre o *coach* e o aluno (*coachee*), em encontros que são denominados sessões. O tópico a ser trabalhado irá definir, na prática, o número de sessões que serão realizadas.

O *coaching para gestores educacionais* normalmente é realizado com a aplicação da metodologia já disponível no mercado a partir do *coaching* executivo. “Embora essa modalidade

de *coaching* seja direcionada para o mundo corporativo, os gestores de escolas podem beneficiar-se desse processo, pois essa metodologia visa melhorar a capacidade do executivo ou gestor de gerir o grupo de pessoas sob sua responsabilidade”, lembra a professora Kátia Veloso.

Após o treinamento na área de *coaching*, o próprio gestor da escola poderá exercer a função de *coach* do professor, passando a ele a metodologia que aprendeu para a sua equipe docente.

Quando realiza o treinamento, o gestor também pode escolher entre treinar um professor ou um mesmo grupo de professores. Em seguida, aquele ou aqueles que foram treinados podem exercer a função de *coach* educacional junto aos demais professores da escola. Em outro modelo de trabalho um profissional externo é contratado para desenvolver esse trabalho com os professores. Esse fator depende muito da relação entre o gestor educacional e a equipe

docente sob o seu comando. Alguns professores podem se sentir intimidados ou inseguros quando realizam *coaching* com seu próprio gestor, no sentido de estarem sempre sendo vigiados ou avaliados. Ou seja, o processo todo também pode depender de uma relação aberta e de confiança.

Como é feito?

As principais ferramentas aplicadas durante o treinamento de *coach*, que pode variar conforme o cenário existente, são a observação focada, a escuta ativa e sobretudo o feedback ou retorno do que está sendo feito. Este processo deve ser realizado de forma clara, positiva e, por causa disso, o *coach* educacional tem que ser um bom observador. Também precisa desenvolver sua habilidade para fazer uma análise construtiva, baseado friamente naquilo que apurou, sem interpretar, fazer juízo ou criticar. Esta é uma etapa fundamental para entender a realidade de cada cenário.



Capa

Dessa forma, os atributos citados são indispensáveis para o *coach* educacional no trato com os outros professores, que devem incorporar as formas de orientação como um processo que visa melhorar a sua atuação. Ou seja, os professores não estão sendo julgados, vigiados ou ameaçados por essa prática. Por isso, saber se comunicar de forma clara, objetiva e colaborativa contribui para que isso possa efetivamente ocorrer e para tranquilizar o professor *coachee*.

Qual é o profissional mais habilitado para a tarefa?

Normalmente as pessoas que atuam no mercado possuem a formação em *coaching* e o fato torna o profissional mais familiarizado com a metodologia, mas do trabalho no segmento educacional outras recomendações são esperadas, como por exemplo: experiências bem sucedidas como professor, especialmente no mesmo nível e série em que for atuar como *coach*.

Ter a experiência em trabalhar com outros professores também é um quesito que pode ajudar, além da habilidade de observar e fornecer o feedback aos professores e *coach*.

De forma geral, pode-se dizer que para o desenvolvimento do trabalho de *coach* necessita-se de um hábil colabo-

rador, que tenha o processo do *coaching* já embutido em seu trabalho, além de ser um avaliador habilidoso e estrategista em suas instruções, para poder exercer essa função. Outras instituições, como a Associação Internacional de Leitura (IRA) sugere formação específica na área e mestrado em educação, voltado para habilidades de leitura e escrita.

Qual é a eficácia do método?

O setor da educação ao longo dos últimos anos foi um dos que mais sofreu transformações e atualizações. Alterações profundas e rápidas que estão transformando o sistema de ensino.

Neste contexto os profissionais da área enfrentam grandes desafios. O primeiro deles seria a reinvenção da escola, afinal de contas, apesar de tantas mudanças do mundo moderno, a pedagogia em muitos lugares continua sendo pensada da mesma forma que há muito tempo atrás.

“Investir tempo e análise do processo de ensino-aprendizagem com a finalidade de alterar sua estrutura para melhorar e dinamizar essa relação, adequando-os às novas demandas que se apresentam, é um esforço que exige cada vez mais das habilidades organizacionais e administrativas dos profissionais da escola”, reforça a professora Kátia Veloso.

Outro desafio que a escola enfrenta na atualidade é o de assumir os encargos de outros. Ou seja, com o passar do tempo a instituição passou a assumir mais responsabilidades do que alfabetizar e formar o indivíduo e tornou-se encarregada de resolver quase todos os problemas da sociedade. Alguns autores definem que, enquanto não ocorrer a conscientização, envolvimento e formação de um espaço público da educação, com participação da sociedade no processo, a instituição escolar ainda deve assumir o papel de salvadora da pátria.

Ainda entre os desafios, talvez a competitividade acirrada do nosso tempo seja uma das principais preocupações da escola. Trata-se de uma competição natural da sociedade e a educação também sofre essa influência. Isso ocorre tanto na parte interna, entre os professores que disputam os melhores resultados, e externa, entre as escolas que brigam entre si para captar cada vez mais um número maior de alunos e oferecem descontos em matrícula ou mensalidades, cursos extras e outras atividades. Como a taxa de natalidade caiu e está em queda, as escolas são afeta-



das diretamente pela questão, com menos alunos e maior concorrência. Na disputa interna o desempenho pode ser medido e comparado em exames como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio).

Quem já faz?

A professora, pedagoga, especialista em Ensino Fundamental e mestre em educação Claudia Zuppini Dalcorsio, há três anos fundou com a sócia Silvana Tamassia a Elos Educacional, uma empresa que oferece serviços na formação de educadores.

A ideia nasceu porque as duas já atuavam como diretoras e coordenadoras pedagógicas em escola pública e faziam o acompanhamento dos professores, desde o planejamento, observação em sala de aula e respectivo feedback. “Com o aprofundamento da metodologia de observação de aula que realizei na produção de um material para o Conselho Britânico em parceria com o Instituto Crescer, em 2009, me especializei no tema. Depois, com o apoio da Fundação Lemann, eu e a Silvana produzimos um material mais completo sobre a observação em sala de aula como metodologia de formação continuada, dando apoio para as equipes gestoras de todas as escolas em que atuamos com nossos programas de formação (cerca de 250 escolas nos últimos três anos)”, lembra a professora Claudia.

Sobre o trabalho com os professores, Claudia reforça que a sua metodologia possui três passos. O primeiro deles é o momento em que se determina o foco que será observado e acordado entre observado e observador. Nessa parte são definidos aspectos conceituais em comum, para que não exista algum tipo de desconforto com a observação.

O segundo passo é quando é determinado o roteiro de observação e combinado o melhor momento para que ele aconteça. O terceiro passo, considerado pela professora Claudia como o mais importante, ocorre quando o observador, normalmente o coordenador pedagógico, faz o papel do *coaching*. Dessa forma, baseado em evidências pode realizar as suas intervenções no sentido de contribuir para melhorar a aula do professor. “Não podemos esquecer que o seu papel não é trazer respostas prontas e sim, por meio das habilidades comunicativas, fazer com que o professor seja capaz de encontrar suas próprias conclusões”, diz a professora Claudia.

A implantação na escola

A pedagoga com licenciatura em Administração e Supervisão Escolar e pós-graduação em Ética, Valores e Cidadania na Escola, Marly Savioli completa 31 anos de atuação no segmento educacional. Sua experiência também se concentra nos conceitos de *coaching*, quando era vice-diretora do colégio Eduardo Gomes e a implantação e supervisão dessa atividade ficou sob a sua responsabilidade. “Para mim foi um momento mágico. Sabemos que coordenadores pedagógicos desenvolvem de tudo e muitas vezes não conseguem fazer o mais importante, que é o acompanhamento pedagógico dos educadores”, conta Marly.

De acordo com ela, a implantação do projeto de *coaching* foi realizado com facilidade no colégio, com exceção da pouca abertura e resistência de alguns, que sempre acreditam que estão sendo “vigiados”, resultado de pura insegurança pessoal. “O trabalho de *coaching* educacional consistia em assistir as aulas, muitas vezes gravá-las. Depois individualmente, por meio das reuniões de feedback, levar o educador a avaliar se os objetivos do planejamento foram atingidos, o que faltou, o que foi positivo, o que poderia ser melhorado e assim por diante. Na verdade era um momento de reflexão sobre a prática”, avalia Marly.

Quanto aos benefícios, a educadora diz que nem tem como expressar. Isso porque muitas autocorreções foram viabilizadas e os educadores puderam se autoavaliar, mudar, melhorar e perceber seus pontos mais frágeis. “A qualidade na educação foi alicerçada. Avalio que a implantação do *coaching* educacional foi extremamente benéfica para o colégio”, finaliza Marly.



Divulgação

AQUELA DOR INCÔMODA

Acompanhada também de outros sintomas debilitantes, a **enxaqueca** atinge milhões de pessoas e tem várias causas descritas pela medicina atual

Que atire a primeira pedra aquele que nunca teve uma dor de cabeça. O problema, que atinge milhões e milhões de pessoas ao redor do mundo, muitas vezes surge como a chamada dor de cabeça e pode vir também acompanhada de outros incômodos, afetando professores e alunos. Para entender melhor do assunto, conhecer sintomas, tratamentos e até se prevenir, conversamos com o Dr. Pedro Schestatsky, MD, PhD, professor da UFGRS (www.sobreneurologia.com.br), autoridade no assunto. Acompanhe a seguir os principais trechos da entrevista.

O que é a enxaqueca?

Enxaqueca ou migrânea é uma desordem neurovascular caracterizada por dor intensa, pulsante e debilitante na cabeça. Geralmente atinge apenas uma metade da cabeça e chega acompanhada de náusea, vômito e sensibi-

lidade a luz e ao som. É uma doença muito comum, afetando cerca de 20% das mulheres e entre 5 e 10% dos homens do mundo.

Quais são os fatores que a provocam?

Geralmente a enxaqueca primária é causada pela vasodilatação de artérias e veias cranianas, que resulta na compressão de nervos sensitivos, mas pode também estar associada a regulação de serotonina pelo nervo trigêmeo.

Quem pode ter a doença?

São mais comuns em mulheres antes do período menstrual, quando o nível de estrógeno é mais baixo. É aconselhável procurar um médico neurologista para obter um diagnóstico correto. A enxaqueca é uma doença multifatorial e são várias as causas conhecidas pela medicina.

Quais são os principais sintomas?

Dor intensa, pulsante e debilitante

na cabeça. Geralmente atinge apenas uma metade da cabeça e está acompanhada de náusea, vômitos e sensibilidade à luz, problema conhecido como fotofobia e ao som, chamado também de fonofobia.

De acordo com os estudos, existe algum grupo que mais sofre atualmente com a enxaqueca? E por quê?

São mais comuns em mulheres antes do período menstrual, quando o nível de estrógeno é mais baixo.

A enxaqueca pode ser comparada como uma simples dor de cabeça?

Uma simples dor de cabeça é chamada de cefaleia tensional. Este tipo de dor de cabeça não é causado por uma doença específica, parecendo estar relacionada com fatores de tensão física (por exemplo, má postura) e psicológica (ansiedade e stress). A cefaleia de tensão típica é habitualmente de intensidade leve ou moderada e atinge

ambos os lados da cabeça. Muitas vezes é descrita como uma sensação de aperto, peso ou “capacete” a rodear a cabeça. Também em muitos casos podem coexistir a cefaleia tensional com enxaqueca ao mesmo tempo.

Quanto tempo essas crises podem durar e como tratá-las?

Em geral horas. Se durarem mais que 24 horas outras causas devem ser aventadas. A base do tratamento da crise é com os triptanos associados ao plasil.

Existe alguma indicação de alimentos que devem ser ingeridos durante as crises?

Não. Existem alguns alimentos que podem disparar a crise. O paciente deve estar atento a isso, pois às vezes pode levar anos para se dar conta de qual alimento precipita suas dores. Isso ocorre especialmente com aqueles alimentos que contém glutamato monossódico (muitos temperos), nitratos (carnes processadas como salmicha, salame e hambúrguer), tiramina (queijos e carnes processadas), aspartame ou álcool (especialmente vinho).

Esse problema atinge alguma classe específica? Por exemplo, o professor? Pela vida que ele leva, é mais fácil ter enxaqueca ou não?

Conforme a literatura, é mais frequente nas mulheres. No caso de ser professor ou professora pode haver maior risco em função do estresse e da privação de sono relacionada ao trabalho braçal e intelectual excessivos. No entanto, não existem dados concretos sobre a atividade de professor e risco de enxaqueca, apenas uma associação lógica.

Se esse mal pode ser evitado, o professor pode orientar a classe de qual forma?

A principal forma de prevenção é evitar alimentos e condições precipitantes e realizar atividade física diária.

E quem pode cuidar? O médico? O professor pode cuidar disso? Um professor pode ajudar? Como?

A primeira consulta deve ser sempre com o médico neurologista, no sentido de descartar outras possibilidades ameaçadoras de vida. Depois pode ser seguida por um clínico geral, dependendo da respostas ao tratamento.

As recomendações gerais, para os professores e alunos é que façam atividade física. Além de prevenir enxaqueca ainda melhora a qualidade de vida, aumenta a sobrevida em anos e, sobretudo, melhora a cognição conforme recentes e relevantes estudos. Boa caminhada!

Fonte: Pedro Schestatsky, (www.sobreneurologia.com.br) MD, PhD, Professor Adjunto Medicina Interna – FAMED/UFRGS; Preceptor Residentes Medicina Interna - HCPA / UFRGS; Professor Pós-Graduação Ciências Médicas – UFRGS; Professor Pós-Graduação Psiquiatria – UFRGS; Regente do Estágio de Internato Med. Interna – FAMED / UFRGS; Coordenador do Depto. Científico de Dor – Academia Bras. Neurologia Médico neurologista do Hospital Moinhos de Vento de Porto Alegre e Eletroencefalógrafo da Clinoson.





INTERNET: desafios, controle e uso

Diante da facilidade de clicar e embarcar mundo afora nos mais diversos assuntos, como orientar os alunos a lidarem com a internet, suas riquezas e seus perigos?

Nunca foi tão fácil pesquisar, conseguir informações e interagir entre pessoas de todo o globo. Com apenas com uma conexão e alguns poucos cliques se vai longe, entre lugares do mundo todo e informações sobre tudo. Mas para alguns é aí que reside o problema. Como orientar, conter ou censurar uma criança ou estudante, para que não se depare com assuntos inapropriados, jogos viciantes e intermináveis, ou mesmo que não copie respostas prontas de um trabalho o qual deveria escrever? Mais ainda: os equipamentos tecnológicos podem acarretar algum mal?

Na visão da psicanalista Ruth Naidin, da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), dependendo do uso, qualquer coisa pode causar mal. “Jogar bola sem parar pode causar mal, ver TV sem parar pode causar mal. Usar a internet ou as redes sociais em excesso também pode causar mal. Tudo depende de como você utiliza os meios, do seu bom senso e dos limites que estão impostos”, sinaliza Ruth. Sobre o relacionamento na escola, diante das redes sociais, ela acredita que, para os professores, o melhor caminho seja aquele que leve em conta o diálogo, que evita as ameaças e punições. “Eu não iria por essa via porque acho ideal apontar as coisas boas, mostrá-las e induzir os alunos a alcançarem um comportamento responsável, com senso crítico e noção

dos riscos que podem acontecer com o mau uso desses instrumentos”, avalia.

Para a psicopedagoga Quézia Bombonato, terapeuta familiar e diretora da Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPq), atualmente não podemos mais negar a influência da internet, ferramenta que pode ser muito útil se bem usada. De acordo com ela, as crianças acabam usando a internet por conta de jogos e muitas vezes isso resulta em um uso excessivo. “É importante que o professor oriente seus alunos. Como? Por exemplo, se pedir uma pesquisa, sugira sites confiáveis, ensine, recomende sites de busca. É importante também mostrar ao aluno que é muito fácil para o professor descobrir de onde o estudante pode ter tirado referências para trabalhos, e que não pode apenas copiar e colar”, explica Quézia.

Novos comportamentos

É inegável que a vida das pessoas se alterou muito após os constantes avanços tecnológicos. Com novos equipamentos, novas metodologias, surgem conseqüentemente novos comportamentos, muitos ainda em discussão, conforme anunciam os especialistas. Tal impacto é perceptível não só nas empresas, escolas, como também na vida das pessoas.

Na visão da psicanalista Ruth Naidin, nós não temos mais alternativas diante desse fenômeno sociológico. Isso

porque a questão da informática e a tecnologia já não são opções e não conseguimos mais viver sem elas. Da mesma forma ela cita historicamente a chegada da eletricidade e a compara com a vinda da internet, que está aí para ficar e, sendo assim, devemos aprender a conviver com esse fato. “Particularmente acho tudo isso sensacional. A rede amplia o conhecimento e os horizontes das pessoas. Tudo isso é fantástico, desde que bem dosado, instrumentado e utilizado com bom senso”.

Aos professores, em especial, recomenda-se concentrar o olhar nas coisas boas das novas tecnologias, sempre propondo discussões com o objetivo de estimular a reflexão por parte dos alunos. “Uma ideia seria incentivar os alunos a refletirem sobre essas ferramentas e conexões, para que realizem seus próprios textos, para que cada um desenvolva seu senso crítico. Ao mesmo tempo não podemos esquecer de impor limites, por exemplo, desligar o celular, quando for preciso”, recomenda Ruth.

Também é importante lembrar que o tema educação consiste em uma tarefa ampla e conjunta, que não envolve apenas a escola. Dessa forma os pais tem uma importância muito grande, desde os primórdios das crianças, pois serão o exemplo a seguir. A psicopedagoga Quézia Bombonato exemplifica uma questão comum da atualidade, quando desde cedo os pais dão tablets para os filhos verem filmes no restaurante. Daí a criança começa com um filme, depois outros e logo começam a enviar mensagem. “Isso depende de cada caso e do bom senso, mas se a criança observa que a mãe não sai do facebook, por exemplo, vai querer fazer igual. Assim é preciso verificar a individualidade de cada um, o interesse, rendimento na escola e como cada pessoa lida com isso. “Acredito que os pais devam ter algumas normas gerais: o controle do tempo e o controle de conteúdo de site”, conta Quézia. A profissional também acredita que uma coisa não exclui a outra, no caminho da educação. Dessa forma os professores tem que falar, os pais tem que ser orientados pela escola, pois só ela não daria conta. “É preciso haver um diálogo da família com a escola. “Não é uma coisa ou outra e sim, uma coisa e outra”, lembra Quézia.

Perigos da rede

Quando se trata de segurança, estamos diante de uma complexa questão que envolve diversas possibilidades e usos. De forma geral, os especialistas recomendam ações

que envolvam orientação, acompanhamento e controle por parte dos responsáveis pelos estudantes. O uso excessivo sem orientação, por exemplo, pode representar problemas. “A internet acaba sendo um convite maior do que o interesse pelo estudo, então as pessoas acabam ficando muitas horas expostas a relacionamentos inapropriados e conteúdos impróprios. Dessa forma, dependendo do uso que será feito, a internet pode ter um efeito ruim na educação das crianças, assim como pode ser uma ferramenta facilitadora. Por isso é importante a mediação feita pelos pais e professores.”, conta Quézia. A psicanalista Ruth Naidin também compartilha da opinião e acredita que os pais devem sempre acompanhar, impor limites, explicar sobre a divisão de tarefas de cada um. “Por exemplo, não dá pra ficar o tempo todo no computador, ou o tempo todo namorando, ou o tempo todo jogando videogame”.

RECOMENDAÇÕES GERAIS

Qual horário irá usar o computador?

Que tipo de uso será?

Se for jogar, que tipo de jogo?

Evite jogos violentos, dependendo da idade da criança

Com trabalhos escolares que demande pesquisas, oriente que tipos de site devem ser usados e como usar o conteúdo, interpretando, sem “colar”

Procurar discutir os temas e estimular os alunos a refletirem

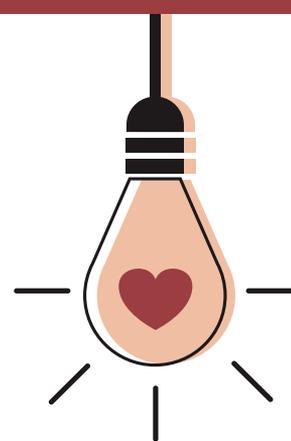
Controlar alguns conteúdos impróprios

Estabelecer tempo de uso, especialmente dos smartphones que muitas vezes são levados até para a cama, na hora de dormir.

Com bom senso impor limites e cobrá-los, conforme agenda e idade do aluno

Programar uma divisão de tarefas das atividades

Que tal um pouco DE GENTILEZA?



Divulgação

Costumava-se dizer que *gentileza gera gentileza*; ultimamente, tenho ouvido com certa frequência que gentileza gera gente folgada. Considero que a desvirtuação desse ditado convém àqueles que não são gentis e, de algum modo, tem dificuldade para se relacionar.

Estamos começando um novo ano, a maioria de nós vai dizer que 2014 passou voando. Na verdade, o tempo continua o mesmo; contudo, o ritmo de vida, principalmente urbano é cada vez mais intenso. Gasta-se por exemplo, muito tempo no trânsito e com isso, entre outras coisas, acumula-se cansaço excessivo. Outras palavras, o tempo continua o mesmo, aquilo que envolve a vida do ser humano mudou. E em 2015 não será diferente, não duvidem!

Ainda estamos naquele período meio mágico em que as promessas de 1º de janeiro ressoam em nossas mentes e coração. Há promessas clássicas, mas é possível também inovar, ir além. Nós que lidamos com crianças, somos chamados a transmitir a elas valores que sejam duradouros e as ajudem (no presente e no futuro) a estabelecer vínculos verdadeiros e sólidos. Essa tarefa será mais fácil se nós adultos, nos abirmos à mudança da nossa própria mentalidade. O que dissermos aos pequenos apenas será confirmado com atitudes coerentes e testemunho.

O primeiro ambiente de aprendizado com certeza é a casa; os primeiros educadores são os pais. Espera-se que o ambiente familiar seja um espaço saudável para a criação de uma criança. Embora essa consideração pareça utópica (e talvez seja mesmo), não podemos perdê-la de vista. Aquilo que podemos realizar de bom começará a acontecer se assumirmos a realidade na qual estamos inseridos e, a partir dela, buscarmos fazer o melhor. Nossas crianças merecem o melhor que pudermos oferecer a elas. Sem dúvida, a escola é outro ambiente no qual as crianças aprendem sobre a vida e seus valores. Os professores porém, embora importantíssimos nesse processo de aprendizagem, não são pais de seus alunos. Portanto, aquilo que é devido aos pais, pode ser

complementado na escola, mas não integralmente assumido por ela. Sem dúvida, casa e escola, pais e professores devem ser parceiros de caminhada em vista do bem de filhos-alunos.

Certamente, um dos valores a ser transmitido aos pequenos é a *gentileza*, como mencionado anteriormente. Em nossos dias, a gentileza parecer se tornado algo fora de moda ou atributo de quem é fraco. Na verdade, essa é uma interpretação equivocada e totalmente descabida. Nunca será demais dizer: *Por favor...* Nunca será demais dizer: *Muito obrigado!* Nunca será demais dizer: *Com licença!* A gentileza aproxima as pessoas e evita dissabores desnecessários. A gentileza faz com que saiamos de nós mesmos e nos relacionemos com o outro de modo respeitoso. Dentre os muitos propósitos que venhamos a estabelecer, por que não firmar o compromisso de ajudar nossas crianças a se tornarem mais afetuosas, gentis e respeitosas. De modo algum essa proposta entende que nossas crianças devam ser apáticas ou dependentes, mas seres humanos integrados e integradores.

Que o ano de 2015 comece em grande estilo e que aquilo que nos propusermos a realizar não se perca ao longo do caminho, mas se torne concreto.

*Alexandre Carvalho é coordenador do editorial infantojuvenil da PAULUS. E-mail: infantojuvenil@paulus.com.br

Especial

Formação de

PROFESSOR

mundo
real chamando

Encarte da revista
Páginas
Abertas

Edição 61




PAULUS





Apresentação

Ph é um adolescente como muitos outros: adora tecnologia, games, internet. Para sua mãe, o problema é o garoto ter muito mais amigos virtuais que reais. Na rede ele é extremamente popular, mas na vida real não é assim: o seu jeito nerd só garante zoações. Na escola, Ph dribla as ameaças dos valentões fornecendo a resolução de exercícios e trabalhos escolares, mas também não está satisfeito com isso. Sente-se muito mais à vontade no mundo virtual. Sua irmã, Patrícia, parece ser seu oposto: extremamente popular, cheia de amigos e namorada do garoto mais cobiçado do colégio. Mas esse ideal de Patrícia é um tanto frágil e desmorona quando seu namorado a troca por uma aluna nova da escola. Patrícia refugia-se no mundo virtual, primeiro com sua melhor amiga @SoninhaSan, depois com um namoro a distância. Os pais acompanham com preocupação o universo dos filhos e não sabem ao certo como agir, ora reprimindo demais, ora confiando demais na maturidade deles. A história apresenta o desafio de nossos dias, de viver no mundo real e no virtual, fazendo desses universos apenas um. Shirley Souza discute em profundidade os atrativos e os perigos do mundo virtual, propondo reflexões sobre situações comuns do dia a dia, e sempre tomando por base a realidade do jovem leitor.

Justificativa

O mundo virtual faz parte da realidade de todo adolescente, em maior ou menor escala. Conversar com quem está ao lado por meio de torpedos ou mensagens virtuais tornou-se algo comum, bem como ter um número imenso de amigos conhecidos apenas via internet. Neste livro, o professor encontrará um recurso bastante rico e extremamente didático para abordar o assunto sob diferentes aspectos e relacioná-lo aos temas transversais: saúde, trabalho e consumo, ética e cidadania, pluralidade cultural. O livro apresenta uma história de ficção que aproxima o leitor do tema central, e ainda, três tipos de quadros informativos que, ao longo do texto, ampliam o conteúdo da narrativa (Você Sabia?), propõem reflexão sobre situações polêmicas (Fique esperto!) e indicam caminhos para o protagonismo juvenil (Você em ação).

Projeto Pedagógico

Propõe atividades que aprofundem a reflexão iniciada no livro e levem o leitor a avaliar criticamente a importância do equilíbrio entre a vida virtual e a real, alertando para os perigos da internet e orientando uma navegação segura.

Temas Secundários

Internet, relacionamentos virtuais, falsa identidade virtual, vício em internet, redes sociais, *games*, convivência familiar, amizades, namoro.

Temas Transversais

Saúde, Trabalho e Consumo, Ética e cidadania, Pluralidade Cultural.

Indicação

Ciclo 2 – indicado para alunos a partir do 7º ano.

Interdisciplinaridade

A temática abordada ao longo do livro pode ser desenvolvida nas disciplinas de: Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciências Naturais e Artes.

Título: Mundo real chamando

Autora: Shirley Souza

Formato: 13,5 cm x 21 cm

Número de páginas: 128

*Shirley Souza é formada em Comunicação Social pela ECA-USP e atua no mercado editorial há 18 anos. É autora de 28 livros infantis e juvenis. Em 2008 ganhou o Prêmio Jabuti e o Prêmio Jóvenes del Mercosur (Argentina) por dois de seus livros.

Objetivos

- Exercitar as habilidades de leitura e de escrita do estudante.
- Promover a análise crítica de conteúdos e de comportamentos do cotidiano.
- Incentivar o protagonismo juvenil em atividades que extrapolem o universo da sala de aula e cheguem à comunidade.
- Avaliar os hábitos de uso da internet dos alunos e de suas famílias, propondo caminhos para um uso saudável da tecnologia.
- Levar o estudante a perceber os pontos positivos e negativos que a tecnologia representa em nosso dia a dia.
- Evidenciar as mudanças proporcionadas pelos avanços tecnológicos.
- Realizar uma reflexão crítica sobre o uso da tecnologia no dia a dia.

Antes da leitura sugerimos:

Promover uma roda de conversa sobre o uso da comunicação virtual (celular, internet) e a presença da tecnologia no cotidiano, apresentando perguntas como:

1. Com que frequência vocês usam a internet?
2. Para que usam? E por quantas horas costumam ficar conectados?
3. Participam de redes sociais? Quais? Com que frequência?
4. Possuem amigos virtuais que não conheçam na vida real? Como fizeram essas amizades? O que sabem sobre elas?
5. Quem tem mais amigos virtuais que reais?
6. Como vocês se comunicam com os colegas aqui da escola?
7. Vocês já mandaram um torpedo para quem estava pertinho de vocês? Em que situação?
8. Quais os tipos de comunicação vocês usam para falar com seus amigos (reais e virtuais)?
9. Com que frequência usam esses meios de comunicação?
10. Vocês conseguiriam viver sem internet? E sem celular?

Iniciar uma reflexão sobre a linguagem usada na comunicação via internet ou SMS:

1. Pedir para os alunos escreverem no caderno: uma mensagem que enviariam por SMS a um colega; uma mensagem que postariam no Twitter e outra no Facebook.
2. Compartilhar as mensagens em uma roda de conversa e analisar a linguagem usada, identificando marcas próprias dessas formas de comunicação como: abreviações, linguagem fonética, ausência de acentos gráficos, etc.
3. Discutir se alguns traços dessa linguagem acabam transparecendo em trabalhos escolares, como e por que isso acontece.
4. Debater a adequação dessa linguagem aos meios de comunicação para os quais foi criada.

Analisar a realidade familiar da turma:

1. Promova uma roda de conversa discutindo se os pais acompanham a navegação deles na internet; se controlam essa navegação; se têm acesso ao perfil deles nas redes sociais; se costumam checar mensagens de texto que enviam; se conversam com eles sobre o universo virtual; se dão conselhos sobre mensagens ou amizades virtuais.
2. Discuta o que eles pensam sobre esse acompanhamento dos pais: é necessário? Por quê? Os pais devem saber sobre a vida virtual dos filhos?

Após a leitura:

Avaliar a atitude de diversos personagens, analisando suas opções, e levantar as opiniões dos alunos sobre quem agiu certo ou errado:

1. A mãe de Ph e Patrícia proibindo o acesso dos filhos à internet e o uso do celular, como forma de controlar a vida virtual deles.
2. O pai de Ph defendendo que é normal o uso da comunicação virtual pelos adolescentes e não acreditando que o filho possa ser classificado como um “viciado em internet”.
3. Venon escondendo sua identidade real, mesmo sendo colega de sala de Ph e Cielo, e só revelando muito tempo depois.
4. Ph e Cielo aceitando fazer exercícios e trabalhos para poderem ficar com a turma do fundão e não serem zoados como *nerds*.

Você pode propor outras situações do livro e analisá-las em uma roda de conversa ou na forma de debate envolvendo toda a classe.

Propor a realização de uma pesquisa sobre o uso da internet e da comunicação por celular na escola. A ideia é realizar uma pesquisa de campo, verificando qual a relação dos adolescentes do colégio com a comunicação virtual, quais os usos que fazem da internet, e quanto tempo passam conectados.

Analisar diferentes aspectos do texto lido e promover atividades que exercitem a comunicação escrita:

1. Analisar as características do narrador do livro. Avaliar a forma como ele narra a história. Reescrever trechos do livro modificando o foco narrativo e discutindo as consequências para o texto: o que muda na estrutura do texto? O que muda para o leitor?
2. Avaliar a linguagem usada no texto literário e nos quadros informativos: são parecidas? Que diferenças é possível identificar? Como definiriam a linguagem usada no livro? Propor para que criem continuações para a história mantendo foco narrativo e linguagem como as analisadas no livro lido.
3. Usar o internetês para escrever mensagens para os colegas de sala. Compartilhar as mensagens em uma roda de conversa e verificar a compreensão da turma: todos entenderam tudo? O que não foi compreendido? Por quê? Evidenciar que para a mensagem ser transmitida com sucesso, emissor e receptor devem dominar a linguagem usada.



Atividade e interdisciplinaridade:

Em parceria com o professor de Artes:

1. Promover uma pesquisa sobre como a tecnologia está presente nas artes hoje em dia, identificando como ela aparece nas artes plásticas, na música, na literatura, nas artes dramáticas, no cinema etc. Avaliar o material encontrado em sala de aula e discutir os diferentes papéis ocupados pela tecnologia nos casos estudados.
2. Propor a criação de manifestações artísticas com os temas: internet, rede social e celular. Preparar uma exposição no colégio com as produções dos alunos.

Em parceria com o professor de Ciências:

1. Retomar o quadro informativo que discute os problemas de saúde causados pelo excesso do uso de computador (p. 33). Destacar os problemas de saúde citados no livro. Pesquisar mais informações sobre eles e como vêm atingindo um número cada vez maior de jovens em todo o mundo.
2. Buscar mais informações sobre o vício em tecnologia e tratamentos que vêm sendo desenvolvidos ao redor do mundo. Pedir para os alunos reunirem notícias em texto e vídeo e analisar o material em sala de aula. Debater como os problemas de saúde também mudam com o tempo, revelando a realidade vivida em nossos dias e seus excessos: o vício em internet é um problema novo, que não existia há alguns anos.

Em parceria com o professor de História:

1. Rer ler o quadro da página 65, que discute o quanto são recentes tecnologias totalmente incorporadas ao nosso dia a dia. Pesquisar informações sobre a rapidez com que ocorrem os avanços tecnológicos e discutir o caráter comercial desses avanços, tornando tecnologias obsoletas cada vez mais rapidamente e mantendo ativo um mercado consumidor global.
2. Discutir quais novas profissões surgiram com as novas tecnologias. Fazer uma pesquisa sobre essas novas carreiras e, se possível, entrevistar alguns profissionais. Compartilhar em sala as informações reunidas.

Em parceria com o professor de Geografia:

1. Retomar o fato de @SoninhaSan estar no Japão e Patrícia no Brasil. Relembrar como as meninas lidavam com as diferenças de fuso horário. Retomar o que a turma sabe a respeito de fusos horários, ou desenvolver o conteúdo sobre o tema. Debater como a tecnologia colabora para superar distâncias, seja entre amigos, familiares, namorados ou relações profissionais.
2. Discutir o acesso à internet em nosso país, evidenciando os contrastes entre as diferentes regiões e a exclusão digital que ainda é realidade. Comparar essa realidade com a de outros países do mundo.

Um assunto puxa o outro

Peça para seus alunos entrevistarem pais, tios, vizinhos, avós e outros professores da escola verificando:

- Quando você era adolescente, jogava videogame? Como eram os jogos?



Especial Formação de Professor

- Você usava a internet?
- Tinha celular?
- Como se comunicava com seus amigos?
- Tinha amigos que não conhecia pessoalmente?
- Com quantos anos você acessou a internet pela primeira vez?
- O acesso de antes era parecido com o de agora? O que mudou?

Em sala de aula, promova uma roda de conversa para os alunos compartilharem as informações recolhidas, identificando as semelhanças e as diferenças entre a adolescência desses adultos e a vivida por eles nos dias atuais.

Então questione:

- O que mudou ao longo do tempo?
- As crianças e os adolescentes de hoje são mais tecnológicos que as de antigamente? Por quê?
- O que há de melhor na realidade atual? E o que era melhor na adolescência desses adultos entrevistados?
- Seria possível viver como eles?
- O que vocês acham que irá mudar daqui para frente? Qual será a diferença entre a adolescência de vocês e a dos filhos de vocês?

Então, você pode fazer uma ponte para a discussão sobre os avanços tecnológicos e a preocupação global com que, cada vez mais, mais pessoas estejam conectadas – seja por computador, celular ou qualquer outro meio.

Discuta o que pensam sobre:

- Esses avanços tecnológicos são todos positivos?
- Eles realmente propiciam que, cada vez mais, mais pessoas estejam conectadas?
- O que acontece com quem não tem acesso à tecnologia, à internet, aos celulares?
- Será que toda novidade desse mercado tecnológico é realmente necessária? Ou gera uma necessidade de consumo falsa?
- Por que motivo vocês ou seus pais trocam o celular, o computador ou o videogame, por exemplo? É por não funcionarem mais? Ou é porque algo mais moderno foi criado?

Avalie como os avanços tecnológicos atuam no mercado global e geram novas necessidades que antes não existiam.

Discuta, também, as profissões que surgiram com os avanços tecnológicos dos últimos anos. Verifique se a turma percebe até onde chega a influência da tecnologia em nosso tempo.

Peça, então, para individualmente redigirem um texto onde reflitam sobre a presença da tecnologia em suas vidas, se seria possível viver sem ela e quais são os pontos favoráveis e negativos do uso que fazem dos recursos tecnológicos disponíveis.

Os textos criados podem ser compartilhados e discutidos em uma roda de conversa.

Desafio:

Divida a turma em dois grandes grupos e proponha uma reflexão, a partir da leitura do livro: Como fazer um uso saudável da tecnologia? Como saber o limite ideal? Como identificar o uso excessivo ou inadequado?

Leve a turma a avaliar criticamente a realidade vivida por eles e destacar exemplos de uso inadequado que estejam presentes no cotidiano deles. Discuta o uso do celular na escola, por exemplo: todos deixam o aparelho desligado durante as aulas? Costumam enviar torpedos durante as aulas? E receber chamadas?

Avalie também a realidade do *bullying* virtual: conhecem alguém que foi vítima? Participou de algum tipo de agressão virtual? Como é essa realidade na escola? E entre os amigos virtuais?

Identifique também a relação da turma com os amigos virtuais: alguém tem mais amigos virtuais que reais? Conhece todos eles? Como foram adicionados esses amigos?

Proponha as seguintes perguntas a seus alunos, para que reflitam e respondam individualmente:

1. Ph considerava seu interesse por tecnologia algo relacionado ao lazer apenas. Seu pai via nesse gosto do filho uma oportunidade profissional e tentava incentivá-lo a fazer alguns cursos profissionalizantes. Ao que Ph reagia dizendo que ele era ainda muito novo e que, se o pai tivesse razão, não existiriam mais médicos ou outros profissionais no mundo, porque todo adolescente adora tecnologia. Quem você acha que estava certo nessa história? Por quê? Como você agiria se fosse o Ph?

2. Mesmo proibidos de acessar a internet, Ph e Patrícia dão um jeito para continuar navegando longe da vigilância dos pais e manter suas relações virtuais ativas. Você acha essa atitude correta? Por quê? O que faria se fosse um dos irmãos?

Com as respostas prontas, seus alunos podem compartilhá-las em uma roda de conversa e debatê-las.

Sugestões para avaliação:

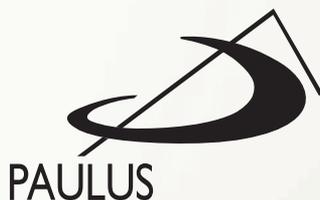
Participação nas atividades; atendimento às propostas de trabalho; desempenho nos trabalhos em grupo; atividades de redação e criatividade.

Ressaltamos que as atividades, aqui propostas, têm por objetivo cooperar, oferecendo subsídios para a mediação do trabalho pedagógico com a obra *Mundo real chamando* da PAULUS Editora, e que não pretendem ser determinantes do trabalho desenvolvido em sala de aula, tendo em vista que somente o professor conhece as necessidades específicas de sua turma.



***Projeto Pedagógico
encartado junto com a revista***

Páginas ***Abertas***



***Conheça outros projetos pedagógicos no site:
paulus.com.br***

O ESFORÇO PARA COMPREENDER

Divulgação



Há quem diga que o efêmero tem mais espaço em nossas falas do que assuntos duradouros. Até a expressão de Lipovetsky, *O Império do Efêmero*, tornou-se banal. Ocorre que a realidade é complexa. Não é uma frase de efeito que resolve problemas. Daí a necessidade de leitura do mundo. Ler exige esforço.

A pensadora Hannah Arendt durante sua vida buscou ler e compreender os eventos que marcaram o seu tempo, o século XX, século que o historiador Eric Hobsbawm assinalou como a *Era dos extremos*. A primeira década do século XXI, porém, não tem sido muito diferente.

Diante dos horrores provocados pelos regimes totalitários, Arendt observou que o fenômeno não poderia ser entendido por meio dos conceitos

tradicionais como esquerda e direita, por exemplo. De acordo com a pensadora, compreender significa encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela – qualquer que seja.

Nessa difícil tarefa, Arendt examinou a “corrente subterrânea” da História e investigou como e por que foi possível o surgimento de sistemas políticos que transformaram milhares de seres humanos em “objetos” sem valor. Uma resposta a essa inquietação é a de que a ideologia dos sistemas deixou os homens desprovidos de uma política eficaz que assegurasse o direito à liberdade. O conceito de liberdade é central na concepção política da autora.

Na obra *Origens do totalitarismo*, Arendt apresentou o resultado de sua tarefa de “compreender o impensável” e vislumbrar a possibilidade de uma eficiente ação política, a qual fosse capaz de impedir o reaparecimento de algo semelhante ao Nazismo no futuro.

O pensamento arendtdiano, fundado sobre a catástrofe da Segunda Guerra Mundial, caracteriza-se por uma busca pela dignidade da política. Isso ela fez sem se prender a uma única corrente de pensamento. A ação política, segundo a autora, se apresenta como a relação entre-homens: no espaço da convivência. São os homens mesmos que constroem este espaço, na liberdade. Eles deixam as suas próprias “marcas” no terreno da História: terreno dos acontecimentos. O contrário disso seria a perda total do “senso comum”, isto é, da capacidade de perceber o que se passa na comunidade.

O legado de Arendt pode nos ajudar a pensar a política hoje. Para tanto é importante visitarmos os clássicos, de modo que não tateemos na superfície.

Antonio Iraldo Alves de Brito é padre paulino, jornalista, bacharel em Filosofia e Teologia. Mestre em Letras e Regionalidade. Doutorando em Comunicação e Semiótica. Publicou o livro *Patativa do Assaré*: porta-voz de um povo pela PAULUS.





ÁRVORE É VIDA, ÁRVORE É ÁGUA.

**SEM ÁRVORE,
SEM ÁGUA, SEM VIDA!**



Governar é estabelecer prioridades. E as prioridades estão invertidas. Hoje, primeiro é o político-econômico, segundo lugar vem o social e por último, o meio ambiente. Costumo dizer que, como ambientalista, detesto ter razão, por que quando me dão razão é por que já é tarde demais.

Quando escolhi a militância da informação ambiental, meu objetivo foi oferecer à sociedade – gratuitamente – outras fontes de informação que permitam uma melhor compreensão da realidade, que possibilite a sociedade repensar suas prioridades. Sem uma informação e educação ambiental que sensibilize no rumo da sustentabilidade, a tendência é que a sociedade permaneça fazendo escolhas equivocadas, como as que estão conduzindo a nossa civilização à beira de um colapso.

Não é preciso ser nenhum grande estudioso para perceber o óbvio: sem o meio ambiente – do qual extraímos a água, os recursos naturais, etc. –, o emprego, a qualidade de vida, a justiça social estão em risco. E os lucros e as riquezas também, pois dependem da transformação da natureza para obter seus ganhos. Sem natureza, é óbvio que tais ganhos se transformarão em perdas.

As prioridades deveriam ser: primeiro, o meio ambiente; segundo, as pessoas; e só em terceiro, o dinheiro.

Quando o dinheiro é colocado como prioridade, não é só o social e o ambiental que perdem, mas principalmente a moralidade, a ética, o compromisso com o bem comum.

A falta de solidariedade, o materialismo, o interesse público é substituído pelo interesse privado. Não é de se estranhar que o Brasil seja o país do mundo campeão da corrupção. Uma vergonha!

Árvore é água, Água é Vida

Os desmatamentos na Amazônia, no Cerrado, na Mata Atlântica não afetam apenas ‘lá longe’, aos ecossistemas, aos animais, mas a nós, diretamente, como provam os reservatórios ‘mortos’. Quanto maior o desmatamento, menos umidade e, portanto, menos chuva. Sem árvores, as nascentes já não vertem mais água. E sem chuva, os reservatórios ficam vazios e as torneiras, secas. O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) divulgou este mês a taxa consolidada oficial do desmatamento na Amazônia para o período entre agosto de 2012 e julho de 2013: o desmatamento da Amazônia aumentou 29%. As Chuvas que recarregam reservatórios da região Sudeste são oriundas da Amazônia.

Menos água, mais esgoto, menos saúde – com menos água para diluir tanto esgoto sem tratamento, aumentam as doenças de veiculação hídrica, portanto, maior mortalidade infantil, tudo junto e misturado. Segundo o IBGE, metade das residências brasileiras não está ligada a qualquer sistema de coleta de esgoto. E o avanço do saneamento básico não é suficiente para atender a todos nos próximos anos.

A mudança climática é uma realidade e já se tornou irreversível

Segundo relatório da ONU, divulgado recentemente, a emissão contínua de gases de efeito estufa provocará um maior aquecimento e, a longo prazo, mudanças em todos os componentes do sistema climático, aumentando a probabilidade de um impacto severo, generalizado e irreversível para as pessoas e os ecossistemas. Estima-se que em breve, as temperaturas subam mais de 2 graus Celsius em relação à média, chegando a uma variação de até 3,7 graus. Traduzindo: mais seca, mais queimadas, menos água.

Como ambientalista, torço para estar errado.

* Vilmar Sidnei Demamam Berna é escritor e jornalista, fundou a REBIA - Rede Brasileira de Informação Ambiental (www.rebia.org.br) e edita desde janeiro de 1996 a Revista do Meio Ambiente (que substituiu o Jornal do Meio Ambiente e o Portal do Meio Ambiente: www.portaldomeioambiente.org.br/index.php). Em 1999, recebeu no Japão o Prêmio Global 500 da ONU Para o Meio Ambiente e, em 2003, o Prêmio Verde das Américas – www.escritorvilmarberna.com.br



Loucos por gente: PROFESSORES cheios de Vida!



Divulgação

Nós, professores, temos um grande vício: somos apaixonados e todo apaixonado é meio insano, faz alguma coisa que nem sempre devia, se dedica mais do que pode, às vezes se esquece de si mesmo. Ou então não se lembra de que nós exercemos uma profissão, que precisamos receber nosso salário de forma adequada, que nós temos de lutar na estrutura sindical e organizar nossas reivindicações no público e no privado. Às vezes, até disso nos esquecemos. Não deveríamos, mas esquecemos, porque somos apaixonados.

Todo professor íntegro leciona por paixão. Paixão pelo quê? Por ganhar pouco, correr o dia inteiro, ficar para lá e

para cá? Não, claro que não. Temos paixão por aquela ideia de que gente foi feita para ser feliz. Como diria Shakespeare, “vida é uma coisa cheia de som e fúria”. Nós somos furiosos, brigamos muito.

Imagine uma reunião de professores, no final do ano. Um colega quase pula no pescoço do outro por causa de um aluno. Nós fazemos barulho e somos tão ruidosos porque somos apaixonados. Aliás, professor adora se encontrar, adora reunião – se for paga, então, a gente gosta mais ainda. Reunião de professor dura, mais ou menos, uma hora e meia, sempre dividida da seguinte maneira: na primeira meia hora a gente fica às vezes falando mal de quem não veio, dizendo “nós estamos aqui, é um absurdo”; na segunda meia hora a gente fica falando bem de quem veio “mas nós viemos, nós vamos levar isso à luta porque isso é importante”; e na terceira meia hora a gente fica tentando conseguir horário para marcar outra reunião. E acontece tudo de novo...

Professor adora o período de férias, quando os alunos desaparecem da escola. Ele aguenta um dia, dois, de repente, começa a sentir falta. A escola fica triste e em silêncio, não tem aquele barulho. Tem professor que fica louco para as aulas começarem e, quando elas começam, depois de uma semana ele não aguenta

mais, quer que tudo pare. É mais ou menos como a mãe que diz para os filhos: “Eu não aguento vocês, eu vou me matar, um dia eu vou sumir e vocês vão ver”. A gente também fala demais.

Mas temos uma coisa inacreditável, que é uma amorosidade muito grande. Só isso explica por que uma pessoa dá aula por 20, 30 anos, se aposenta e depois volta a lecionar. Por que tem professor que não aguenta ficar fora de uma sala de aula? Ora, não tem gente que é louca por pizza? Então, também existe quem seja louco por gente. Que em vez de cuidar só da própria vida, resolve ajudar outras vidas também.

Essa característica não é exclusiva dos professores, claro. Isso tem a ver com a amorosidade que, por sua vez, tem a ver com amor, que é uma palavra que anda meio ausente na educação e não deveria. Quem ama não desiste. Quando a gente começa a desistir um pouco da nossa atividade, dos nossos alunos, a gente começa a perder um pouco o gosto; e se você está deixando de amar, aí é melhor deixar, porque educação pressupõe uma capacidade amorosa imensa, não é inesgotável, porque nada é, mas ela deve ser imensa. E, por ser amorosa, esta atividade precisa de condições de trabalho, de estrutura salarial, de organização pedagógica, de jornadas

adequadas... senão não dá para exercer essa amorosidade de forma concreta.

Lembrar sempre: insistir, repartir e não desistir.

Entre outras, essa é das razões pelas quais tenho uma admiração imensa por professoras de educação infantil e dos anos iniciais. Elas – quase sempre mulheres – lidam com o que há de mais frágil e difícil na área. Na educação infantil é comum encontrarmos salas com 25, 30 crianças e cada uma delas é uma “bomba ambulante”. Às vezes parece que é preciso chamar o Gate (Grupo de Ações Táticas Especiais) ou o Corpo de Bombeiros, porque a professora vira para cuidar de um aluno e outro cai aqui; ela corre atrás desse e outro cutuca o olho do coleguinha. É sempre impressionante lembrar como essas crianças são frágeis.

Gosto demais de recordar situação que conto em palestras e em outros livros. Quem já não viu cenas como esta no ensino fundamental: a professora está saindo para o intervalo, e aí vê que ficou uma menininha na sala. Ela está ali, quietinha na carteira, não saiu com os outros alunos.

— O que foi? – pergunta a professora.

— Não foi nada.

— Fala para mim o que aconteceu – ela retorna, carinhosa.

E a garotinha continua insistindo que não foi nada, até que a professora põe a mão no ombro da criança. Detalhe: nós somos, com frequência, o único adulto que toca algumas crianças durante o dia. Muitos pequenos não estão nem acostumados a serem tocados, e disso bem sabem professores de educação física porque são os que mais perto chegam dos nossos alunos.

Quando a professora põe a mão no ombro da aluna, a garotinha se abre:

“Minha mãe disse que meu pai foi viajar e vai demorar muito para voltar”. A professora entende e fala: “Vem comigo, vou mostrar uma coisa”. Cria-se uma dependência; aonde a professora vai, a menina vai atrás, grudada na saia ou no guarda-pó, dizendo “tia, tia”.

Por que ela vai junto? Porque encontrou algum lugar. Como lembraria o grande Guimarães Rosa “A vida é grande sertão, mas tem veredas”, e as veredas estão no outro.

Quantas vezes você presenciou, às onze da noite, no estacionamento da escola, um professor conversando com aluno de 15, 16 anos? Em vez de ir para casa, o professor ficou ouvindo o aluno contar que está desesperado, que a namorada engravidou e ele não sabe o que fazer. Ou então você está no intervalo e os alunos estão atrás, aos montes, gritando “professora, professora”.

Depois de um dia assim, onze da noite, seu filho vem pedir para você tomar a lição dele e você quase agarra o inconveniente pelo pescoço e diz: “Estou por aqui (dedo em riste, na garganta) de criança, não aguento mais”. Onze ho-

ras da noite, você quer ir dormir – não quer saber de filho que vem pedir ajuda. É por isso que, de maneira geral, filhos de educadores não são necessariamente geniais na escola; a gente não tem muita paciência pedagógica com eles. É criança demais para se preocupar, o dia inteiro.

É vida demais à nossa volta, e é o tempo todo. É vida transbordando vida o dia inteiro. Atenção à palavra transbordar, que quer dizer “ir além da borda”, ser incontido e ilimitado. Nós somos incontidos, vivemos em voz alta. Transbordar não significa só alegria, elogio, emoção, mas também tristeza, bronca e chatices. Mas, retomando uma deliciosa obviedade: nossa profissão lida com gente. Você quer coisa mais complicada do que gente? No entanto, consegue largar? Consegue? Jamais!

* Excerto, organizado e modificado pelo autor, de CORTELLA, M. S.. Pensatas Pedagógicas: Nós e a Escola (agonias e alegrias) .. Petrópolis: Vozes, 2014.

**Mario Sergio Cortella é Filósofo e escritor, com Mestrado e Doutorado em Educação pela PUC-SP, da qual é professor titular e na qual atuou de 1977 até 2012; é autor, entre outras obras, de Não Espere Pelo Eritápio! (Vozes), Não Nascermos Prontos! (Vozes) e Qual é a tua obra? (Vozes).



VIAGEM AO PASSADO



Museu da Imigração reabre as portas com agenda diversificada e muita programação cultural. Entre os anos de 1887 e 1978, cerca de 2,5 milhões de pessoas passaram pelo histórico prédio em São Paulo (SP)

Conta a história que durante muito tempo, São Paulo foi o destino de muitos grupos de imigrantes: japoneses, italianos, espanhóis, portugueses, bolivianos, árabes, entre outras das mais de 70 nacionalidades. Famílias inteiras provenientes de terras distantes, gente de todo canto do mundo, carregados de lembranças, costumes, sotaques, sobrenomes, culinária, vestimentas e ideais. Homens e mulheres que encontraram em terras brasileiras, nas lavouras de café e na indústria paulista, motivos para sonhar em meio a tantos olhares curiosos dos brasileiros.

O processo imigratório começava na tradicional Hospedaria de Imigrantes, no bairro da Mooca, na capital paulistana. A partir do valioso cruzamento das memórias dessa época é possível hoje compreender como foi o movimento migratório. Com o objetivo de preservar esta época, o Museu da Imigração promoveu uma reforma, que visa valorizar este encontro de múltiplas origens e histórias, que formaram ao longo dos anos diversas comunidades representativas no Estado. Dessa forma, a entidade chamada no passado de Memorial do Imigran-

te, desenvolveu um novo projeto museológico. Com ele é possível o contato com as lembranças de pessoas vindas de lugares longínquos, descobrir as condições de viagens da época, os processos de adaptação aos novos trabalhos e ainda qual foi a contribuição dos imigrantes na formação da identidade paulista.



Divulgação

O PASSADO PRESENTE

A hospedaria do imigrante, em seus 91 anos, acolheu e encaminhou os imigrantes aos seus novos empregos. Além dos alojamentos, da Agência Oficial de Colonização e Trabalho, havia uma central com serviços médicos, assistência odontológica, farmácia, laboratório de análises, correio e telégrafo, posto policial, lavanderia, cozinha, refeitório.

A partir da década de 30 a Hospedaria de Imigrantes passou a receber também os trabalhadores migrantes de outros estados brasileiros. Posteriormente, na década de 1970, enfraqueceu das suas funções originais e recebeu pouco antes de encerrar as atividades um grupo de coreanos, em 1978.

Em sua história, a primeira reforma no museu ocorreu no ano de 1888 e o investimento custou cerca de 20 milhões de réis ao Governo do Estado de São Paulo. Sediado no edifício da antiga hospedaria do Brás, o valioso patrimônio público da história do Estado e da cidade de São Paulo, ressurgiu com o objetivo de proporcionar ao público uma preciosa reflexão sobre todo o processo migratório.

UMA NOVA PROPOSTA

Com a função de permitir o contato dos visitantes com a época, a partir de experiências, materiais, vídeos e exposições, o agora Museu da Imigração anuncia seu novo objetivo. Promover o conhecimento e a reflexão sobre as migrações humanas, numa perspectiva que privilegie a preservação, comunicação e expressão do patrimônio cultural das várias nacionalidades e etnias que contribuem para a diversidade da formação social brasileira.

Nesse sentido a instituição oferece exposições de longa duração, temporárias, itinerantes e virtuais. Como exemplo, a exposição *Migrar: experiências, memórias e identidades*, aborda em oito módulos, a imigração como história permanente da humanidade. A exposição de longa duração trata de temas como as migrações, as expansões demográficas, o deslocamento, a transposição de fronteiras e a construção de identidades e memórias. Trata-se de uma viagem que se inicia com a expansão territorial a partir da África, passando



Divulgação

do pela formação da população brasileira desde o período colonial até chegar aos dias de hoje.

As questões relacionadas ao trabalho, tanto do campo como na cidade, apresentam vários objetos originais da época. As peças são expostas e permitem ao visitante, compará-las com os objetos atuais. A cidade de São Paulo, que recebe imigrantes até os dias atuais, é homenageada com imagens e vídeos pelos bairros do Bom Retiro, Mooca, Brás e Santo Amaro. Este módulo aborda as principais transformações e impactos culturais que essas regiões sofreram ao longo da chegada dos imigrantes.

Também há o relatado, com riquezas de detalhes, daquilo que Brasil oferecia para os imigrantes, em tempos de mudanças econômicas e interesses políticos. Dessa forma a hospedaria, hoje, cenário do passeio cultural, que abrigou centenas de estrangeiros recém-chegados, propõe uma viagem ao passado. Como exemplo, o visitante poderá descobrir informações sobre suas origens e esse é o convite feito ao público paulistano, que também funciona como dica de projeto cultural, principalmente para os colégios do Estado de São Paulo.

Além dos espaços expositivos, e um belo jardim com área para convivência, o Museu também oferece computadores disponíveis para acesso livre à internet. Segundo os organizadores, a parceria tem o objetivo de possibilitar a interação da população com as novas tecnologias e da



informação e comunicação, o que contribui para o desenvolvimento social, intelectual e econômico de paulistas e das comunidades de imigrantes, migrantes e descendentes.

Na agenda oferecida ao público o visitante poderá ter acesso a apresentações de teatro, dança, música, oficinas e palestras sobre o patrimônio, relacionado ao processo migratório ligado à cidade de São Paulo. Em sua programação o Museu também promove debates que envolvem questões sobre a memória da cidade. Já para os colégios, possui uma agenda especial, mediante agendamento. Professores e alunos poderão ter acesso a todas essas informações e atividades, entre elas salas de contação de história, cantigas de roda e muita diversão.

O QUE DIZEM OS VISITANTES

Antônio Marcos Scarca Barossi conheceu o museu em busca de informações sobre os seus familiares, que vieram do norte da Itália e fez várias descobertas interessantes. Entre elas encontrou a forma com que os seus familiares foram tratados, desde corte de cabelo, alimentação, ajuda de custo e auxílio judicial.

“Descobri as origens da minha família, até o dia e que eles chegaram, quando eles se hospedaram, como foram recebidos e quanto tempo eles ficaram na hospedaria. No museu é possível conhecer as origens da gente e assim damos mais valor ao presente, para enxergarmos melhor o futuro”.

A estudante de história da UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo), Cristiane Villas Boas, é filha de imigrantes tanto de pai como de mãe, de portugueses e italianos. Para ela, viver em terras estrangeiras não é uma tarefa

fácil, e a descoberta veio após morar oito anos na Europa. A jovem sabe muito bem, como é ser olhada como uma estrangeira. “Sou fascinada pela imigração. Acho que tudo que move uma pessoa a sair de tudo que ela conhece, e tem como seguro e atravessar o oceano é fascinante”. Cristiane conheceu o museu, há dez anos, quando a estrutura seguia um estilo clássico. Para ela, atualmente o Museu está divertido. “Agora é possível aprender sem perceber que está aprendendo, está mais fácil de se localizar, está interativo, divertido, o que se torna uma ótima opção cultural.

HOSPEDARIA DE MEMÓRIAS

A Hospedaria de memórias funciona como um painel colaborativo que expõe imagens sobre pessoas, objetos, e lugares que remetem às histórias de outros países ou região do Brasil. A ideia é criar uma teia de lembranças. Elas podem ser enriquecidas com memórias afetivas de família, itens representativos das casas, objetos de infância típicos de alguma região. Os interessados poderão ter acesso a todo material, e caso queiram participar, poderão enviar fotografias para o site.

www.museudaimigracao.org.br/category/hospedaria-de-memorias

MUSEU DA IMIGRAÇÃO

Endereço

Rua Visconde de Parnaíba, 1316
Mooca, São Paulo/SP

Entrada

Aos Sábados a entrada é gratuita.
Segundas a sextas-feiras, R\$ 6,00 e R\$ 3,00
(Meia-entrada válida para estudantes identificados)

Funcionamento

Terça a sábado, das 9h às 17h
Domingos das 10h às 17h.
Quinzenalmente, às sextas-feiras
o Museu oferece visita noturna até às 21h.

Contato para o professor

museudaimigracao@museudaimigracao.org.br
(11) 2692-1866

www.museudaimigracao.org.br



Divulgação

Esquisitices da Filosofia



Divulgação

Há quem pense que filosofia seja coisa de gente louca, esquisita e complicada demais. Quem faz isso, tem lá suas razões. Além disso, todo ser humano tem suas complicações, loucuras e esquisitices. Temos também a tendência de achar que nossos pensamentos são mais razoáveis do que os dos outros, e que quem pensa diferente de nós é louco. Somos acostumados a acreditar que o nosso jeito de fazer é o normal, e que quem faz diferente é esquisito.

Pensemos em alguém que ouve rádio, vê televisão, acessa sites e redes. Uma pessoa que só lê as revistas mais famosas, vê as novelas e filmes que tem mais audiência e as redes sociais que estão “bombando”. Provavelmente essa pessoa não ouve falar de filosofia. Em seu mundo, as músicas que escuta, os sites que aces-

sa, os shows que frequenta, em geral tratam de outras coisas... As mensagens que as pessoas recebem em geral estão querendo nos fazer pensar menos e comprar mais... Por isso, filosofia acaba parecendo mesmo ser coisa esquisita.

Ainda bem que pouco a pouco a filosofia vem voltando para nossas escolas. E assim, quem faz nossos jovens se preocuparem pela primeira vez com esse tema é geralmente uma professora ou um professor. Uma boa aula de filosofia certamente começa dizendo da importância de perguntar.

Não precisamos raciocinar muito para perceber que “perguntar” é uma coisa que todo mundo faz. As crianças fazem muitas perguntas: o que é isto? O que é aquilo? E às vezes deixam os adultos em situações embaraçosas.



A filosofia tem suas esquisitices sim, mas não pode ser apenas coisa de gente que não penteia os cabelos, vive trancada em um escritório desorganizado, lendo livros antigos, preocupada com questões que não interessam a ninguém.

Os primeiros filósofos e os bons pensadores de todos os tempos foram pessoas que olharam o mundo a sua volta e fizeram perguntas. Olharam para a natureza, para as coisas e se perguntaram: o que é o mundo? Também olharam para a sociedade e se perguntaram: por que as pessoas se organizam assim? O que é o poder? O ser humano também olhou para dentro de si mesmo e se perguntou: quem sou eu? O que é o ser humano? O que são essas coisas que sinto dentro? Filosofando, o ser humano perguntou sobre o infinito, sobre a eternidade, sobre Deus... Ao perguntar, não estavam querendo fugir do mundo, mas da mera aparência, da superficialidade.

Mas a filosofia não fica só na pergunta. Ela persegue também a resposta, por mais que não seja fácil, já que o amor ao conhecimento nos leva à profundidade de nós mesmos, das coisas e do mundo. E nessas tentativas de resposta é que o sentido da existência vai se revelando pouco a pouco. É preciso paciência. Parece esquisito, mas vale a pena.

*Claudio Avelino dos Santos, (filosofia@paulus.com.br) é mestre em Filosofia pela PUC-SP e responsável pelas publicações de filosofia da Paulus.

EDUCAR: — UM ATO DE SERVIR

Campanha da Fraternidade convida a refletir sobre o ato de ensinar

Para o ano de 2015, a Campanha da Fraternidade (CF), leva para toda sociedade o Tema: “*Fraternidade: Igreja e sociedade*”, com o lema: “*Eu vim para servir*”, tendo como referência um trecho bíblico (cf. *Mc 10- 45*). Trata-se de um convite para além das estruturas da igreja, a partir da chamada para a abertura do diálogo e fraternidade, com uma postura que comprova estar a favor da vida.

Com o viés da educação, a CF também convida para uma reflexão saudável a serviço do ato de ensinar. Para Iraildo Alves de Brito, jornalista, mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, Doutorando em Comunicação e Semiótica, é possível conciliar o tema: “*Fraternidade: Igreja e sociedade*” e o lema: “*Eu vim para servir*” com a educação. Isso ocorre no momento em que o colégio trabalha questões de humanização, valores éticos, as ações que todo indivíduo necessita para viver bem na sociedade.

Nesse contexto, para Antonio Iraildo, a CF acontece no momento mais forte do tempo litúrgico, quando a Igreja Católica faz um memorial dos mistérios vividos por Cristo. Também traz uma reflexão social para o âmbito da Igreja, mas também deseja ecoar o seu grito para a sociedade.

Tanto no ensino fundamental, médio e nas universidades, a CF poderá ser trabalhada não como ensino religioso, mas sim, no sentido humano. Para esta tarefa, todos são convocados, cristãos e não cristãos a repensar o seu papel na sociedade. Um exemplo é propor uma reflexão sobre a seguinte questão: *Como podemos melhorar o mundo?*

Para ilustrar a questão a CF pode ser levada em conta, na medida em que propõe um cenário de mudanças e um olhar de humanização, uns a serviços dos outros, afim de que todos vivam bem.

A sala de aula é um ambiente propício para refletir sobre as ações no mundo, como facilitar a convivência. Desde a família, Igreja, movimentos e grupos sociais, pode-se trabalhar as questões dos valores. Como mediador, o professor poderá trazer temas voltados aos direitos humanos. Dessa forma, a campanha convida a todos os educadores a estarem a serviços dos alunos, para que os mesmos percebam a riqueza e o potencial que possuem em mãos, com mais ideias e contribuições para um mundo melhor.

Segundo Iraildo, o papel do professor é motivar os alunos a aprender, a ter gosto pelo estudo, não para se tornarem melhores do que os outros, mas para fazerem a diferença no mundo como pessoas de bem. Outra função é não deixar os alunos se encantarem por caminhos obscuros que representem perigo, como o uso das drogas e violência. Para a tarefa, o professor é um colaborador com sua metodologia e ferramentas que facilitam o ensino dos alunos.

Os temas propostos para reflexão não ficam apenas na quaresma, pois também é possível observar seus frutos na sociedade, antes e depois da campanha. “A campanha não nasceu para ficar apenas nas comunidades”, afirma Iraildo. Essas reflexões de temas pertinentes na sociedade revelam

que existem frutos, e é possível que a CF vá além da quaresma e provoque reflexões. Como exemplo destacam-se as campanhas sobre moradias e sobre o menor, as questões dos encarcerados. Assim, perceber o papel do professor na sociedade atual, como agente, mesmo diante das inúmeras dificuldades, também é necessário em nossa sociedade.

A Campanha da Fraternidade surgiu durante o desenvolvimento do Concílio Vaticano II (1962-1965). As conferências foram realizadas ao longo de três anos. O Papa João XXIII, convocou os bispos do mundo inteiro para discutir

temas voltados para a sociedade, com o objetivo de modernizar a Igreja e atrair os cristãos afastados da religião. A cada ano, desde 1964, a Igreja no Brasil propõe a todos os cristãos, uma reflexão sobre temas que caminham junto com a sociedade. No início a ideia era apenas desenvolver as temáticas durante a Quaresma, período de 40 dias em que todo cristão é convidado a abandonar os velhos hábitos e a viver um período de conversão. Com o passar do tempo a Campanha da Fraternidade ganhou forma e, aos poucos, seus diversos temas foram sendo refletidos durante todo o ano.

CAMPANHAS DESENVOLVIDAS AO LONGO DE 14 ANOS

2000 - Tema: Dignidade Humana e Paz (ecumênica)
Lema: Novo Milênio sem exclusões

2001 - Tema: Fraternidade e as Drogas
Lema: Vida sim, Drogas não

2002 - Tema: Fraternidade e Povos Indígenas
Lema: Por uma terra sem males

2003 - Tema: Fraternidade e Pessoas Idosas
Lema: Vida, Dignidade e Esperança

2004 - Tema: Fraternidade e Água
Lema: Água, fonte de Vida

2005 - Solidariedade e Paz (ecumênica)
Lema: Felizes os que promovem a Paz

2006 - Fraternidade e Pessoas com Deficiência
Lema: Levanta-te, vem para o meio!

2007 - Tema: Fraternidade e Amazônia
Lema: Vida e Missão neste chão

2008 - Tema: Fraternidade e Defesa da Vida
Lema: Escolhe, pois, a Vida

2009 - Tema: Fraternidade e Segurança Pública
Lema: A Paz é fruto da Justiça

2010 - Tema: Economia e Vida (ecumênica)
Lema: Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro

2011 - Tema: Fraternidade e a Vida no Planeta
Lema: A criação geme em dores de parto

2012 - Tema: Fraternidade e saúde pública
Lema: Que a saúde se difunda sobre a terra!

2013 - Tema: Fraternidade e Juventude
Lema: Eis-me aqui, envia-me!

2014 - Tema: Fraternidade e Tráfico Humano
Lema: É para a liberdade que Cristo nos libertou

2015 - Tema: Fraternidade: Igreja e Sociedade
Lema: Eu vim para servir



POR UMA REAL COMUNICAÇÃO

Em função das novas tecnologias e dos paradigmas que elas criaram, as teorias da comunicação ficaram defasadas. As publicações que tratam sobre o assunto analisam as mídias e seus efeitos, mas nenhuma se dedica a pesquisar, refletir e entender o outro lado da questão: o que acontece com as pessoas. Os smartphones, por exemplo, possibilitam uma infinidade de novas formas de expressão, mas por outro lado podem afastar as pessoas do contato cara a cara. Então, o que é comunicação hoje em dia?

É essa questão que o Professor Doutor da USP, **Ciro Marcondes Filho**, tenta entender e explicar em seu livro *O rosto e a máquina - O fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico* (PAULUS editora, 2013). Pesquisador do CNPq (Centro Nacional de Pesquisa) e professor titular da Universidade de São Paulo desde 1987, **Ciro** já publicou mais de 40 obras na área da comunicação, jornalismo e cultura de massas e filosofia. **Marcondes** dedicou os últimos

anos para esboçar uma Nova Teoria da Comunicação.

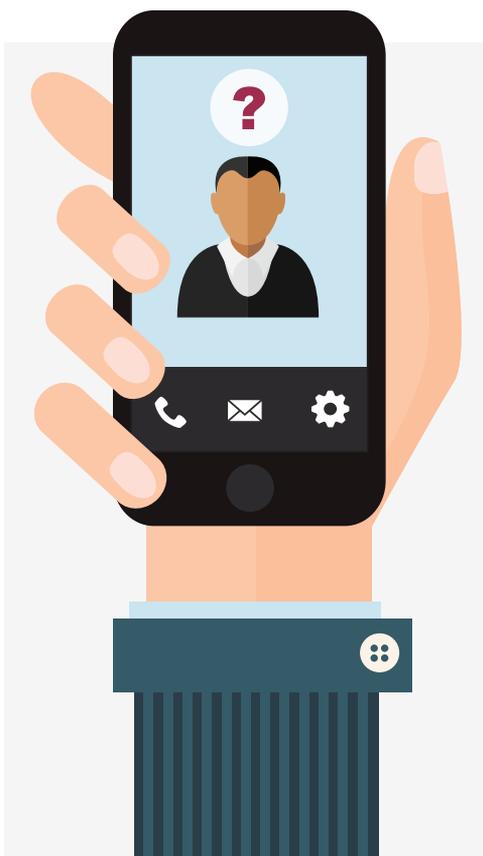
O novo livro do autor é dividido em três partes. A primeira apresenta o método de pesquisa desenvolvido para tratar do assunto. A segunda e a tercei-

ra versam sobre as teorias clássicas da comunicação e sobre os pensadores da comunicação, respectivamente.

Primeira parte

O método usado por **Ciro Marcondes Filho** para estudar a nova teoria da comunicação não é nada usual. Ele começa por uma elaborada busca pela essência da comunicação e chega a três formas básicas de comunicação, que convivem entre si e, algumas vezes, se sobrepõem umas às outras. São elas: a comunicação clássica (falas e registros); a comunicação tecnologicamente mediada, ou comunicação por irradiação (meios de comunicação de massa, quando o receptor é desconhecido); e a comunicação digital (eletrônica, que envolve construção numérica).

Porém, diferentemente do que se possa pensar, esses três tipos básicos de comunicação são apenas formas possíveis de comunicação. Sozinhas, elas não possibilitam a ocorrência comunicacional. Para **Ciro**, a comunicação só ocorre quando, ao receber uma



nova informação, a pessoa altera os padrões anteriormente estabelecidos; quando ela refaz uma visão pré-estabelecida ou cria um novo sentido.

A ocorrência da comunicação é a criação de uma nova memória a partir da desestabilização de uma memória anterior. Essa mudança de paradigma sobre o que é comunicação, estabelecida após pesquisa inovadora e reconhecida internacionalmente já colocou Marcodes Filho ao lado de personalidades acadêmicas, como Zygmunt Bauman e estabeleceu um novo rumo para os estudos sobre o assunto.

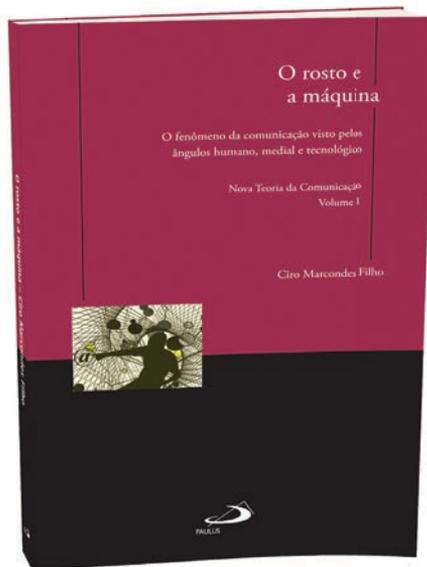
Se a comunicação provoca uma mudança no ser, uma trepidação interna, um incômodo, é possível afirmar que o estudo da comunicação é específico, e não deve se confundir com estudos que situam a comunicação em um contexto maior, como na sociologia e na antropologia, por exemplo.

Ao perguntarmos: — O que é isso que fazemos todos os dias ao conversar, assistir televisão, ler jornal, escrever, mandar uma mensagem de texto e todas as outras trocas de informações que estamos acostumados a chamar de comunicação? Ciro responde “são, justamente isso, trocas de informações”.

Para ele, tudo que há na terra emite sinais, sinaliza, seja passivamente (como plantas e objetos inanimados, que simplesmente estão lá) ou ativamente, quando escrevemos um texto, por exemplo. Esses sinais podem ser ignorados, não se transformando em nada ou podem se tornar informação, quando realmente prestamos atenção a eles e lembramos posteriormente. Para que o ato comunicacional aconteça com sucesso, o outro, o receptor, precisa estar aberto a novas opiniões e não resistir a mudanças. É necessá-

rio considerar o outro como um TU e não como um ISSO e estabelecer algum tipo de relação com esse outro.

O livro fala em ato comunicacional ou acontecimento comunicacional porque o estudo foca no momento exato desse acontecimento da comunicação. E, a partir disso, busca entender os fatores cruciais envolvidos nesse ato.



Ainda que o processo dependa de dois ou mais envolvidos, a comunicação não é uma via de mão dupla, mas duas vias de mão única independentes. Algo que você fala pode ter um impacto significativo em mim, causar um incômodo, mudar minha visão, comunicar, mas pode não significar nada para você.

O professor pontua ainda que a comunicação não depende, exclusivamente, do conteúdo da informação, mas também da forma, ainda que seja um evento extralinguístico.

Dito isto, o professor passa para a explicação do método de pesquisa denominado Metáporo. Ele se coloca naquilo que estuda – vivencia o fato

comunicacional – para obter uma apreensão sensível do acontecimento. Não bastam as suas observações, ele precisa sentir os seus efeitos.

Por isso, o registro dessa experiência é o maior desafio. Sendo a comunicação um acontecimento extracóporo, o pesquisador precisa ter uma boa capacidade narrativa para fazer jus ao procedimento. Afinal, a pesquisa comunicacional busca a investigação de como um produto cultural nos atinge, como ele repercute em nós, portanto, o que percebemos deve ser a matéria prima para se escrever uma nova teoria. Não é o que lemos que deve determinar o que percebemos e sim o contrário.

Segunda e terceira parte

Após todas essas explicações, Ciro volta no tempo e reflete, com base nessa nova teoria da comunicação, sobre o que foi dito ao longo da história.

Esse confronto do que pensa com os que pensavam outros pensadores, pretende mostrar, provar e dar um novo estatuto à comunicação, de ciência aplicada (sociologia, antropologia, psicologia, ciências da linguagem) à ciência autônoma, com objeto próprio.

Mesmo sendo denso, o livro *O rosto e a máquina - O fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico* vale ser lido, principalmente, porque pode levar o leitor a perceber como os momentos comunicacionais não são corriqueiros e sim, muito, muito raros. E, que para vivê-los é preciso se abrir a mudanças, sair de sua situação confortável, enfim, arriscar-se.

*Susana Orio, é psicóloga, Coordenadora Educacional no Colégio Madre Alix - www.madrealix.g12.br.

CORES DOS NOSSOS ALIMENTOS:

— NA COZINHA DO CHEF BRASIL

No primeiro semestre do ano letivo de 2014, os aprendizes do grupo 03 da Educação Infantil da Escola Espaço Construir em Salvador tiveram a oportunidade de explorarem, por meio de um projeto literário, os sabores e cores dos alimentos do Brasil. Para tanto, utilizaram uma das referências para ampliação dos saberes, o livro da PAULUS Editora *Na cozinha do Chef Brasil*, da autora *Dílvia Ludvichak*.

O projeto teve por objetivo despertar nas crianças a consciência da diversidade de sabores e cores dos alimentos do nosso país, por meio do manuseio, vivências e degustação dos alimentos presentes nas regiões do Brasil que tanto enriquecem a nossa culinária.

Enquanto justificativa, partimos do pressuposto de que as cores enriquecem a variedade de alimentos do nosso povo. Logo, é fundamental para criança, nessa faixa etária, ser “atraída” a experimentar, por meio de situações de aprendizagem, os sabores e cores do nosso país.

Desenvolvemos este projeto no período de seis meses e como objetivos específicos, destacamos diversos pontos. Entre eles: descrever, reconhecer e diferenciar as combinações dos alimentos e suas cores, estabelecer comparações entre peso e tamanho dos alimentos, produzir textos coletivos, tendo a professora como escriba, representar

por meio de dramatizações situações vivenciadas na leitura do livro sobre o Chef Brasil.

Em uma primeira etapa da metodologia, os aprendizes foram apresentados ao livro e exploraram a sua estrutura, observaram a capa, as ilustrações, e a professora leu para eles os dados editoriais, quem era a autora, o responsável pelas ilustrações. Depois da apresentação do livro, iniciamos o levantamento de hipóteses sobre quem era o Chef Brasil.

O trabalho com a obra foi dividido em partes (capítulos), momento em que líamos, socializávamos as ideias



Divulgação

e realizávamos atividades contextualizadas que contemplaram as áreas do conhecimento pertinentes à Educação Infantil (Linguagem Oral e Escrita, Matemática, Natureza e Sociedade, Artes, Música e Movimento). Para que não perdêssemos o fio condutor do trabalho, construímos um cronograma (vide box).

MARÇO

- Apresentação do livro Na Cozinha do Chef Brasil.
- Levantamento das hipóteses.
- Falar sobre os alimentos e suas cores.
- Quais os alimentos que fazem parte de uma alimentação saudável?
- Apresentando as diferentes cores dos alimentos através de imagens de Frutas, Legumes e Verduras.
- 28/03 Casa do Comércio - A Bela e a Fera.

ABRIL

- Letras das músicas, em anexo na sala.
- Produções das músicas trabalhadas.
- Identificar diferentes tipos de alimentos.
- Experimentar alimentos para diferenciar sabores (azedo, amargo, doce...) e suas cores.
- Semana de Cultura Indígena.

MAIO

- Carimbos feitos de Legumes.
- Brincadeira de Supermercado e Feira.
- Artistas e suas obras Giuseppe Arcimboldo e Vick Muniz.
- Livros: Poemas e Comidinhas e Na cozinha do Chef Brasil.
- Trabalhar receitas e realizá-las na cozinha.
- Bingo de Frutas, quebra-cabeça, dobraduras.
- Dia das Mães.

JUNHO

- Organização e ensaios para a feira do Conhecimento.
- 07/06 Feira do Conhecimento.
- Festa Junina.

Como parte integrante do trabalho proposto, envolvemos o estudo das Artes, e apresentamos aos pequenos dois artistas plásticos que trabalham com esculturas e pinturas utilizando alimentos como materiais: Giuseppe Arcimboldo e Vick Muniz. Além desses artistas os aprendizes utilizaram diversos suportes e materiais para enriquecerem o aprendizado do Chef Brasil por meio das Artes. Foram oportunizados momentos de construções de painéis com a imagem do Chef Brasil em mosaico, construção de cestos com frutas, carimbos feitos de legumes, leitura de imagens e pintura na tela dos alimentos.

No decorrer do projeto as crianças tiveram contato com uma chef de cozinha, visitaram uma cozinha kids, espaço em que colocaram “a mão na massa” e vivenciaram situações de execução e experimento de receitas na cozinha da escola.

Posteriormente, como culminância do projeto, foi realizada a Feira do Conhecimento. Um evento cultural aberto a toda a comunidade escolar, com a apresentação de painéis ilustrativos sobre a obra, e dos pequenos vestidos de Chef Brasil, coreografando a música *Sopa do Neném* do grupo Palavra Cantada.

Verificamos que o trabalho possibilitou aos nossos aprendizes e aos familiares, momentos de resgate e reflexão sobre a importância de uma alimentação saudável, contemplando no cardápio receitas diversificadas das várias regiões do Brasil. Fica o registro do envolvimento das crianças, das famílias, da equipe pedagógica no desenvolvimento do projeto e no alcance dos objetivos traçados para que os pequenos se sentissem parte integrante e ativa do processo de construção de novos saberes.

BIBLIOGRAFIA

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Ministério da Educação e Desporto. Brasília, 1998.

Poemas e Comidinhas, Roseana Murray.

Na cozinha do Chef Brasil, Dílvia Ludvichak.

Revista Projeto escolares: Educação Infantil.

Revista Guia Prático do Professor de Educação Infantil.

*Calliandra Lima é professora da Educação Infantil da Escola Espaço Construir, pedagoga, pós-graduada em Gestão em Educação, Salvador (BA).

Márcia Pinho é coordenadora da Educação Infantil e Ensino Fundamental da Escola Espaço Construir, pedagoga, mestranda do curso Família, Sociedade e Contemporaneidade da UCSal, Salvador (BA).



Um sol em meu nome

Glória Kirinus
Ilustrações: Eliana Delarissa

Formato: 21 cm x 27,5 cm
Páginas: 16

A história começa com as reflexões de Carlos, mas do menino, ou seja, Carlinhos. Um menino esperto que aprende a ler de cor e salteado o seu nome, no tempo que for, seja do pai, do avô e até mesmo em dia nublado ou ensolarado. Carlinhos aprende a interpretar o seu nome e compara com o do pai e do avô. Com ilustrações de Eliana Delarissa, a obra de Glória Kirinus convida o leitor a refletir sobre a identidade e a passagem do tempo na vida de cada um de nós.

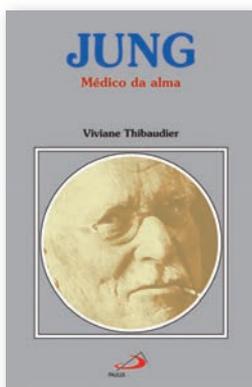


Os Contos de Grimm

Jakob e Wilhelm Grimm
Tradução: Tatiana Belinky

Formato: 20,5 cm x 27,5 cm
Páginas: 261

Em edição primorosa, ricamente ilustrada e com capa dura, o livro apresenta 49 contos. São histórias populares e lendas que continuam atuais até hoje, mesmo após dois séculos de criação. Destaque para Rapunzel, O gênio na garrafa, Polegarzinho, entre tantas outras. Além de ser a edição mais completa do Brasil, outro grande diferencial da obra é que os contos foram traduzidos direto do alemão – a língua nativa dos irmãos Grimm – por ninguém menos que a consagrada escritora Tatiana Belinky. As ilustrações são de Veruschka Guerra.



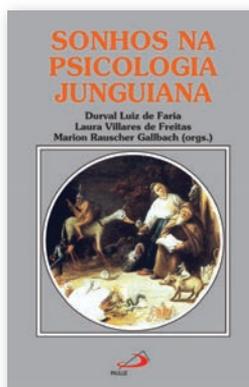
Jung Médico da Alma

Autora: Viviane Thiabaudier

Formato: 13 cm x 20 cm
Páginas: 151

A autora Viviane Thiabaudier convida o leitor a viajar pela psicologia Junguiana. Neste caminho o objetivo é descobrir um diálogo fértil com o inconsciente, afim de trazer um novo olhar sobre a vida.

A obra é composta por quinze capítulos, com texto rico em detalhes e um verdadeiro panorama que procura enfatizar o lado patológico das pessoas e aspectos que nelas não funcionam bem.



Sonhos na Psicologia Junguiana

Durval Luiz de Faria/Laura Villares de Freitas
Marion Rauscher Gallbach (orgs.)

Formato: 13 cm x 20 cm
Páginas: 304

O objetivo da obra é contribuir e elucidar o fenômeno e o trabalho com os sonhos como instrumento terapêutico, profilático, comunitário e de formação de profissional. A reunião dos profissionais que assinam os trabalhos, entre analistas e terapeutas, ampliam criativamente a circunscrição do método, com peculiar ênfase ao trabalho como sonhos e grupos, à consideração do corpo, à utilização da formação profissional. Destaca-se também a aplicação em diferentes contextos, que ampliam o atendimento ao sofrimento psíquico, seja nos centros de atendimento da rede pública, na saúde mental ou em casas-abrigo.



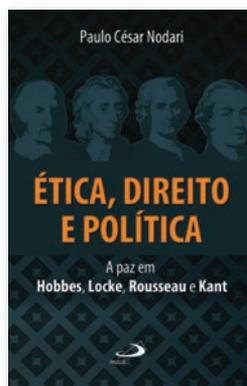
Crátilo ou sobre a correção dos nomes

Celso de Oliveira Vieira

Formato: 16 cm x 23 cm

Páginas: 104

A obra fala a respeito do tratado sobre a linguagem mais antigo da cultura ocidental. O diálogo apresenta uma discussão de Sócrates com dois interlocutores (Hermógenes e Crátilo) que defendem concepções opostas sobre a correção dos nomes. “Para Hermógenes, a linguagem não passa de convenção. Qualquer nome funciona desde que haja um acordo sobre seu uso. Já Crátilo parte de uma posição naturalista, na qual cada coisa tem um nome correto que revela a essência do nomeado”. Celso permite que o leitor, em intimidade com o grego antigo, possa experimentar o texto sem recorrer a um número exagerado de notas de rodapé explicativas.



Ética, direito e política

Paulo César Nodari

Formato: 13,5 cm x 21 cm

Páginas: 304

Dividida em seis capítulos, a obra de Paulo César Nodari analisa o raciocínio político de Hobbes, defendendo a tese de que o filósofo inglês é um incansável defensor da paz. A seguir, Nodari analisa Locke, que, segundo ele, é uma das referências notáveis e imprescindíveis a compreensão da arquitetura política do mundo moderno. Para tratar de Rousseau e sua contribuição para a paz, o autor fala sobre os questionamentos centrais que dominavam os debates políticos nos séculos XVII e XVIII: aumento de desigualdade entre seres humanos e o problema da legitimidade do absolutismo político.



Como fazer Projetos de Iniciação Científica

*Cleusa Kazue Sakamoto
e Isabel Orestes Silveira*

Formato: 16 cm x 23 cm

Páginas: 112

A proposta do livro é oferecer ao aluno uma sequência prática que lhe possibilite, passo a passo, a construção de um Projeto de Pesquisa que adquira sentido aos olhos do seu idealizador; O conteúdo está dividido em três partes, traz explicações e definições sobre Projeto de Pesquisa, Ética em Pesquisa, Normas Técnicas, Relatório de Pesquisa e Comunicação da Pesquisa. Além disso, traz anexos com Diretrizes Éticas recomendadas pelo CNPq, entre outros.



Pensamento Comunicacional brasileiro

*José Marques de Melo
e Guilherme Moreira Fernandes*

Formato: 13 cm x 22,5 cm

Páginas: 672

O livro faz uma análise sobre o cenário da comunicação no Brasil a partir da organização de textos de autores brasileiros renomados, apontando possibilidades e um novo olhar sobre os fenômenos comunicacionais. Juntam-se também estudos profundos e comentários de pesquisadores vinculados com o campo da comunicação. A obra é dividida em duas unidades e composta por doze capítulos. A parte inicial apresenta a evolução da comunicação humana, enquanto a segunda se detém no processo básico que constitui a comunicação.

Em defesa DO HUMOR



Divulgação

O humor sempre foi uma poderosa arma de crítica e conscientização social. Por meio do humor a sociedade mostra que sabe reconhecer os problemas que a afligem. Quem não se lembra do filme *O grande ditador*, de Charles Chaplin, uma das mais devastadoras sátiras sobre a arrogância, a ambição desmedida e os delírios de um ditador? Passou o tempo representado no filme, mas sua mensagem ainda ecoa através dos anos e ficou como símbolo que pode ser associado a qualquer outro ditador.

Hoje em dia, muita gente anda reclamando de um “excesso” de liberdade dos humoristas, que atualmente têm um amplo campo para trabalhar – livros, jornais, revistas, internet, televisão etc. Ora, vivemos numa sociedade democrática e o que caracteriza basicamente a democracia é

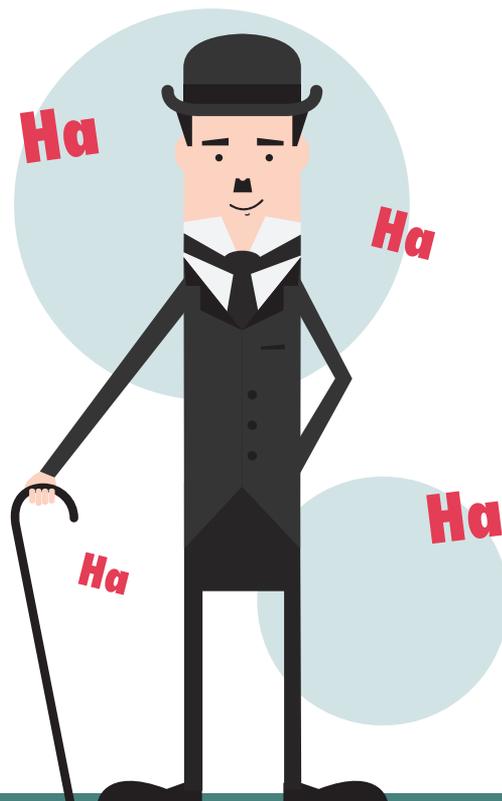
exatamente a liberdade de expressão. Se o pressuposto do funcionamento da vida democrática é a participação dos cidadãos, como eles podem participar sem poder se expressar? Os humoristas são, quase sempre, portavozes da sociedade. Críticas devem ser sempre bem-vindas, venham de onde vierem e na forma que vierem. Se forem engraçadas, seu efeito será ainda maior. Quem não suporta o humor é a ditadura. Reparem como é pequeno, quase nulo, o espaço para os humoristas em países ditatoriais, com líderes autoritários que fazem as regras do jogo e dizem o que a sociedade pode ou não achar engraçado. Por isso, quando se instaura uma ditadura, as primeiras vítimas são eles, os humoristas, que passam a ser vigiados de perto, porque são “perigosos”, isto é, são capazes de fazer muita gente pensar...

Mas é claro que ninguém tem liberdade absoluta de dizer o que quiser sobre os outros. Mas para julgar se o humorista foi longe demais, pode-se acionar a justiça. Quem se sente ofendido deve procurar o apoio das leis. E que a justiça decida se o protesto procede ou não. Se proceder, que o ofendido tenha direito a uma reparação. É assim que deve funcionar a liberdade de expressão numa democracia: com responsabilidade. O que nos parece inaceitável é que haja, numa sociedade democrática, alguém que diga antecipadamente, o que

pode ou não ser objeto de humor.

Por isso, gosto de ver aqueles professores que ensinam os alunos a interpretar textos humorísticos e satíricos, charges e tirinhas de jornal. São exercícios de reflexão que, de forma agradável, desenvolvem a capacidade dos alunos de perceber metáforas, ironias, ambiguidades, jogos de palavras e tantos outros recursos de expressão, melhorando assim seu domínio da língua portuguesa e despertando-lhes o senso crítico.

*Douglas Tufano é professor de Português, Literatura e História da Arte, formado em Letras e Pedagogia pela Universidade de São Paulo e pós-graduado em História e Filosofia da Educação. É autor de livros didáticos e paradidáticos nas áreas de Língua Portuguesa e Literatura. E-mail: dgtufano@terra.com.br



CANÇÃO e ESPERANÇA

para 2015



Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar o produto ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

“**Fraternidade: Igreja e Sociedade**” é o tema da **Campanha da Fraternidade 2015** da CNBB. Ouça melodias compostas para o tempo da quaresma. Canções sobre a pureza da fé, o Amor do Senhor e júbilo e graça na vida dos homens. “**Eu vim para servir**” e assim será neste novo ano.

VENDAS:
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

 pauluseditora.official
 editorapaulus
 paulus.com.br


PAULUS

COMPREENDENDO OS DESAFIOS

da educação contemporânea

MARIA CÉLIA BORGES

FORMAÇÃO DE
PROFESSORES

DESAFIOS HISTÓRICOS,
POLÍTICOS E PRÁTICOS

Formação de professores

Desafios históricos,
políticos e práticos

Análise histórica e aprofundada sobre os desafios e paradigmas atuais da educação contemporânea brasileira. Este livro contribui com a formação de professores de todos os níveis escolares, inclusive pesquisadores da área de educação.



PAULUS

176 págs.

VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br



PAULUS